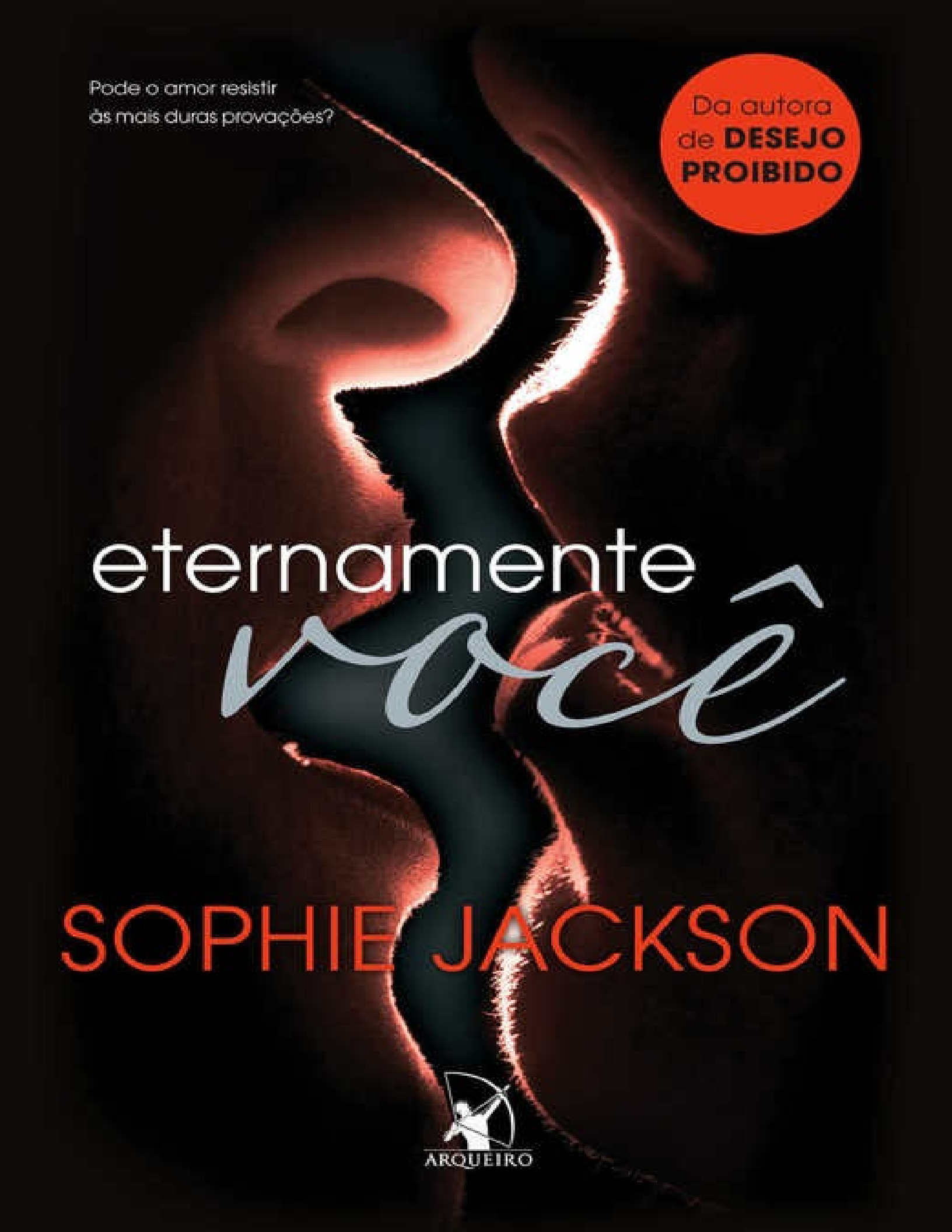

Pode o amor resistir
às mais duras provações?
Da autora
de DESEJO
PROIBIDO
eternamente
você
SOPHIE JACKSON
ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eternamente
você



O Arqueiro

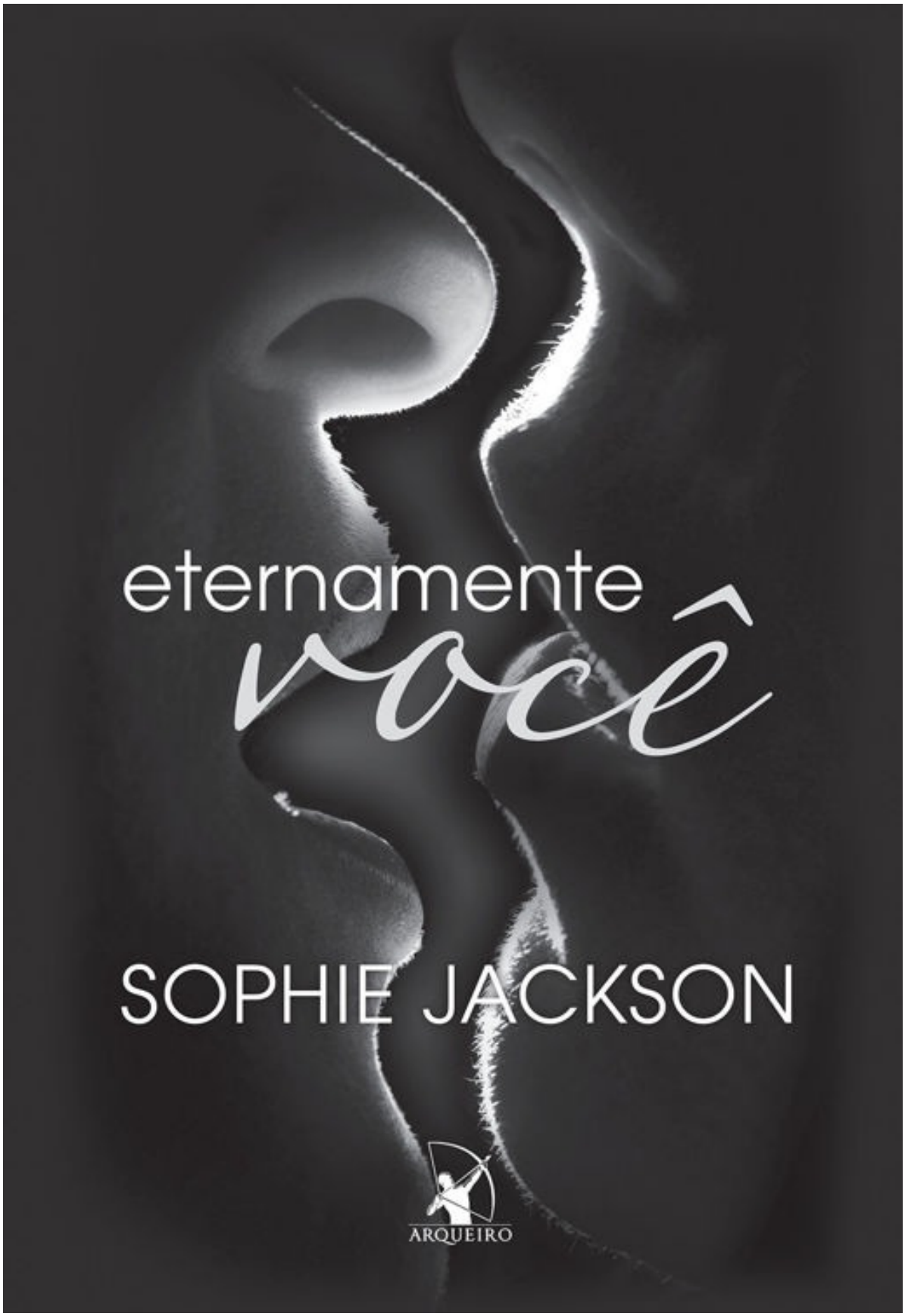
Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


eternamente
você
SOPHIE JACKSON
ARQUEIRO

Título original: *Love and Always*
Copyright © 2015 por Sophie Jackson
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado originalmente por Pocket Star Books Books,
selo da Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode
ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thalita Uba
preparo de originais: Gabriel Machado
revisão: Carolina Rodrigues e Flavia de Lavor
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa: isitdesign
imagens de capa: Wallenrock/ Shutterstock
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J51e Jackson, Sophie
Eternamente você [recurso eletrônico]/Sophie Jackson; tradução de Thalita Uba. 1ª ed. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: Love and always
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-8041-482-0 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Uba, Thalita. II. Título.

15-27671 CDD 823

CDU 813.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Rosanna e Jaime, que eu amo.
Para sempre.

1

Wesley Carter nunca tinha acreditado muito no destino. Até recentemente, não acreditava em nada. Nem mesmo em si próprio.

Se alguém tivesse perguntado a ele um ano e meio antes – quando estava preso em uma cela na penitenciária Arthur Kill – se um dia se imaginaria ali, sua resposta teria sido uma risada cínica. Na época, ele vagava pela vida, indo de uma gigantesca decisão errada para outra, sem nenhum propósito ou perspectiva de encontrar um. Carter era rebelde e estava feliz por ser desse jeito.

Até reencontrá-la.

Agora estava em sua casa de praia, deitado no chão. Respirou fundo. Podia sentir o cheiro de pinho e canela mesclados ao aroma de sexo que o envolvia. Alheia aos pensamentos de Carter, Kat mantinha o rosto encostado no seu ombro e cantarolava alegremente. A perna dela repousava pouco abaixo do umbigo de Carter, enganchada em seu quadril, e o calcanhar pressionava a bunda dele. Carter deslizou a mão pela cabeça de Kat, passando pelos cabelos, até a pele úmida e quente do ombro. Ele sorriu e roçou os lábios na sua testa suada, sentindo o cheiro dela. Nunca estivera tão contente na vida. Pêssegos na casa deles era um sonho que Carter considerava inatingível.

Os dedos pequeninos de Kat dançaram sobre os poucos pelos do peito dele,

fazendo-o suspirar, satisfeito. Ele abriu os olhos aos poucos. O diamante no anelar direito dela brilhava sob a luz da árvore de Natal. Ele levou a mão de Kat aos lábios e deu um beijo delicado na pedra.

– É perfeito – sussurrou ela, a voz levemente rouca de tanto que gritara de prazer vinte minutos antes.

– Você é perfeita – disse ele, e a beijou, porque o que mais poderia fazer?

Kat o segurou pela nuca e o puxou para si. Os dois rolaram até ele ficar por cima, aninhado entre suas coxas. Carter sorriu ao fitar a calça social dela, ainda presa em um dos tornozelos, e a blusa que precisaria ser jogada fora, pois ele a rasgara na ânsia de possuí-la. Dane-se. Era só dinheiro. E quem ligava para isso quando o amor da sua vida acabara de aceitar seu pedido de casamento?

Em um breve instante de dúvida, afastou-se da boca ávida de Kat, roçando o dorso da mão nas bochechas coradas dela.

– Você estava falando sério? – perguntou ele, observando-a atentamente. – Vai mesmo se casar comigo?

Ela o encarou, e um sorriso lento curvou os cantos de sua boca.

– Sim. Nunca falei tão sério na minha vida. – Kat ergueu a cabeça, buscando a língua dele com a sua. – Eu te amo.

– Que delícia – murmurou ele, beijando-lhe o pescoço, deleitando-se com o tesão e a paixão provocados pelas palavras dela.

Carter pressionou os quadris contra o corpo de Kat, impulsionado pelo anseio e desejo que sempre sentia por ela.

– Linda – grunhiu ele enquanto lambia seu pescoço, prendendo as mãos

sôfregas dela no chão. – Você sabe o que as suas palavras fazem comigo?

Curvando o pescoço, Kat soltou um suspiro devasso. Ele sorriu.

– Estou duro de novo.

O gemido dela foi a resposta de que Carter precisava para mergulhar mais uma vez em seu corpo receptivo.

■ ■ ■

Dizer que Carter entrou eufórico na WCS Communications no dia seguinte seria pouco. "Flutuando" seria uma descrição mais adequada; "andando nas nuvens" também. Ele sorriu e cumprimentou os funcionários do fim de semana com um bom-dia entusiasmado, atraindo olhares perplexos dos que, nos trezes meses desde que ele se tornara presidente da empresa, só o conheciam como um ex-presidiário quieto e temível.

Mas ele estava pouco se lixando. Ninguém iria estragar sua alegria hoje.

– Café, Sr. Carter? – perguntou Martha, sua assistente, com um sorriso.

– Ah, você sabe do que eu gosto – respondeu ele, dando uma piscadela, enquanto entrava no escritório e colocava o capacete na mesa.

Trocou a jaqueta de couro por um blazer que estava pendurado na porta e admirou a vista maravilhosa da cidade. Apesar de faltarem três dias para o Natal, o sol estava forte em Nova York. Havia nevado relativamente pouco, mas a meteorologia previa mais neve nos dias seguintes. Se isso significasse que ficaria preso em casa com a noiva no Natal e no Ano-Novo, quem era ele para reclamar?

Noiva...

Cara, essa palavra o fazia explodir de felicidade.

– Posso saber o que aconteceu para você estar sorrindo desse jeito?

A voz de Ben Thomas despertou Carter de seus devaneios e ele abriu um sorriso ainda maior. Virou-se para seu advogado corporativo recém-contratado e deu de ombros, apesar da vontade irresistível de gritar a novidade para todo o escritório, pela janela, por telefone, de anunciá-la até para o *The New York Times*.

Ben arqueou a sobrancelha, desconfiado.

– Ceeeerto... – Ben fechou a porta do escritório. – Bom, pensei que você fosse querer saber da última: Austin Ford abriu uma empresa de consultoria em Chicago.

Carter franziu a testa.

– Chicago?

– É. Não tenho certeza de que tipo de consultoria ele vai prestar ou se é apenas fachada para alguma coisa que esteja armando, então vou dar mais uma pesquisada. Adam não parece saber muito.

Carter se sentou e gesticulou para que Ben fizesse o mesmo.

– Devo me preocupar?

O primo de Carter, Austin, era um filho da puta desonesto, mas, surpreendentemente, ficara longe dos holofotes corporativos por um bom tempo. Até onde Carter sabia, pelos fragmentos de informação que obtinha de Adam, irmão de Austin, o primo andava ocupado gastando seus milhões rodando o mundo. Assim estava ótimo, pois o cara mantinha distância de Carter

e de sua futura esposa.

– Não, não se preocupe. Austin não vai... não *pode* chegar perto de você, de Kat ou da WCS. Mas vou ficar de olho nele, descobrir com quem anda fazendo negócios.

– Obrigado.

Ben fora essencial no processo movido por Carter para assumir a empresa da família, que Austin comandava na época. O advogado se mostrara determinado e leal, e Kat confiava plenamente nele. Carter logo percebeu que Ben seria uma aquisição inestimável para a WCS. Oferecera quase tudo que podia para fazê-lo largar o antigo emprego, mas valera a pena. Além de se destacar muito no trabalho nos últimos meses, Ben se tornara um grande amigo de Carter – esta parte graças principalmente a Kat.

– Me mantenha informado, ok? – pediu Carter, tirando os coturnos.

– Pode deixar – concordou Ben com um sorriso.

Observou Carter despir a calça de couro e ficou aliviado ao ver que havia uma calça social por baixo. Os coturnos foram substituídos por sapatos Dior pretos e brilhosos bem mais respeitáveis, pegos de baixo da mesa.

– Não consigo acreditar que Kat deixa você vir de moto para o trabalho – comentou Ben, dando uma risadinha. – Temos um serviço de motorista, sabia?

Carter revirou os olhos e ergueu um dedo.

– Primeiro, sou dono do meu nariz e tomo minhas próprias decisões. Não tem isso de Kat me "deixar" fazer algo. – Ele se deteve. – A não ser que eu peça com jeitinho.

Ben deu uma risada e Carter levantou outro dedo.

– Segundo, o nome da minha moto é Kala e eu quero mais é que o serviço de motorista vá para o inferno. Gosto de me locomover com estilo. – Ele deu um sorriso malicioso. – Além disso, as garotas gostam de couro.

A risada de Ben foi sonora.

– Muito bem, então. Bom, para sua informação, a papelada da oficina O'Hare foi finalizada.

Carter suspirou e assentiu.

– Com todas as cláusulas que estipulei?

– Todinhas. Max vai permanecer como sócio majoritário. Ele receberá um salário mensal fixo, assim como todos os funcionários. As últimas dívidas foram sanadas e o negócio está, aos poucos, entrando nos eixos de novo.

Apesar do alívio que aquecia seu peito, Carter teve dificuldade em sorrir.

– Ótimo. Max não precisa se preocupar com a oficina enquanto está... se recuperando.

– É verdade – disse Ben. – Teve notícias dele?

Carter se recostou na cadeira, olhando pela janela.

– Falei com ele ontem.

Ben não o pressionou e Carter ficou feliz por isso. Ouvir Max, seu melhor amigo, tão distante e exaurido, tinha sido péssimo. Ele estava na clínica de reabilitação havia pouco mais de três semanas, sem permissão para se comunicar com ninguém pelos primeiros catorze dias. Por mais que tentasse esconder, Carter morria de preocupação, frequentemente checando o celular para ver se

havia alguma notícia de que Max fugira da clínica, surtara ou coisa pior.

A primeira ligação recebida não ajudara muito a diminuir sua ansiedade. Max estava na pior, mergulhado em uma depressão tão profunda que Carter não suportava pensar no que aconteceria se ele não tivesse convencido o amigo de que a reabilitação era o melhor caminho. Em vinte anos, Carter nunca o vira tão desesperado, e isso era assustador.

Logo após dar entrada na clínica, Max passara a tomar remédios pesados, que pareciam estar ajudando. Pelo menos um pouco. Ainda assim, o cara tinha uma longa jornada pela frente e Carter estaria ao seu lado a cada passo. Precisara recorrer a uma persuasão um tanto agressiva, mas, depois que se passaram semanas sem nenhum sinal de que Max planejava uma verdadeira *Fuga de Alcatraz*, Carter começou a respirar mais tranquilo.

Perguntou-se qual seria a reação de Max ao saber do noivado. Carter queria que ele fosse padrinho, participasse de tudo, mas será que o amigo ficaria feliz? Depois de todas as experiências ruins com a ex, Lizzie, Carter não fazia a mínima ideia.

Porém, só de se lembrar da expressão deslumbrante de Kat quando a pedira em casamento, só de se lembrar do seu "sim", ele voltara a vivenciar aquela empolgação. Era receber como um grande abraço. Deu uma risada curta que surpreendeu tanto a ele mesmo quanto a Ben, mas logo procurou afastar a animação. Esfregou o rosto. Meu Deus, ele estava perdendo o controle.

Tentou ler alguns e-mails, sob o escrutínio de Ben, mas só Deus sabia o que estava escrito na tela. A cabeça de Carter estava longe dali.

– Então, vai me contar o que está acontecendo ou continuar fingindo que está trabalhando?

Carter não conseguia conter o sorriso radiante que repuxava seus lábios.

– Pedi Kat em casamento.

As palavras saíram antes que ele pudesse detê-las e o alívio de finalmente contar a *alguém* o fez desabar na cadeira.

Ben ficou ereto na cadeira, com os olhos arregalados e brilhantes.

– E suponho, pelo seu sorriso retardado, que ela aceitou.

Com a língua entre os dentes, Carter fez sinal de positivo com os dois polegares e riu. Ben se levantou com o braço esticado. Carter ficou de pé e os dois trocaram um aperto de mão, seguido de um abraço apertado e um tapinha nas costas.

– Isso é fantástico, Carter. Parabéns.

– Valeu, cara. – Ele enfiou as mãos nos bolsos. – Eu ia esperar até o Natal, mas, quando ela chegou em casa do trabalho ontem, eu simplesmente tive que pedir.

Ben assentiu, sorrindo.

– Você parece em êxtase.

– Estou mesmo. – Carter coçou a nuca. – Aliviado. Tão feliz... Não consigo acreditar que ela aceitou.

Ben notou uma ponta de apreensão na voz de Carter. Mesmo depois de tanto tempo ao lado de Kat, mesmo depois de tudo por que haviam passado, ele ainda tinha dificuldade em acreditar que ela o escolhera. O suspiro de gratidão de

Carter fez Ben colocar a mão em seu ombro.

– Você a merece. Vocês dois merecem ser felizes.

– Obrigado.

Ben pigarreou.

– Então, o que Eva disse?

Merda... Carter preferia não pensar na reação da sogra, mas a verdade era que ela e a avó de Kat, Nana Boo, passariam o Natal com eles na casa de praia, então restavam somente 48 horas para a bomba explodir.

A alegria incalculável de Carter começou a dar marcha a ré a toda a velocidade.

– Bom...

Ben riu.

– Cara, quer dizer que ela não sabe? Você não pediu a permissão dela?

Carter congelou.

– Pedi o quê?

Ele precisava de *permissão*? Tinha virado criança de novo?

Seu rosto devia ter dito tudo. Ben ergueu as mãos, voltando a se sentar.

– É tradição, cara. Quando você vai pedir uma garota em casamento, primeiro pede permissão ao pai dela. No caso de Kat, você teria que pedir a Eva.

Carter se inclinou para a frente, perplexo, pressionando um dedo acusador na mesa.

– As pessoas fazem isso mesmo?

Ben deu de ombros.

– Eu fiz. Pedi permissão ao pai de Abby. O filho da mãe ficou sentado na minha frente segurando uma espingarda.

Ele riu, mas Carter permaneceu em silêncio. Uma espingarda seria a menor de suas preocupações quando Eva chegasse e visse a pedra de 3 quilates no dedo de sua menininha.

– Como é que eu não sabia disso?

Carter se largou na cadeira de novo e segurou a ponte do nariz. Era tudo de que ele precisava: mais uma razão para Eva ficar no seu pé.

É verdade que ela não tinha mais sido, nem de longe, tão arrogante ou seca desde a discussão acalorada no Dia de Ação de Graças na casa de Nana Boo um ano antes – na ocasião, Eva descobrira que fora Carter quem salvara a vida de Kat aos 9 anos. Ela nem se manifestara quando ele e Kat foram morar juntos. Mas Carter ainda podia sentir sua desaprovação toda vez que estavam juntos em um recinto. Isso o deixava angustiado e minava sua autoconfiança, como se a sogra só esperasse por um passo em falso que daria razão à sua cisma. Ela a escondia bem, mas sempre estava lá, espreitando por baixo da maquiagem imaculada e do sorriso rígido.

– Não se preocupe – disse Ben, fazendo um gesto de indiferença com a mão. – Vai dar tudo certo. Ela verá a felicidade de Kat e vai deixar o resto pra lá.

Mas nenhum dos dois acreditava naquilo.

2

Já se aproximava o meio-dia da véspera de Natal e Kat estava quase tendo um treco.

Ela havia trocado de roupa três vezes, do jeans para a saia, então para a calça social, e de volta ao jeans. Prendera os cabelos, depois os soltara, enrolara, alisara. Conferira incansavelmente se todos os pratos que preparara estavam organizados. Limpara a casa inteira tantas vezes que Carter chegara a sugerir que eles comessem no chão, em vez de na mesa de jantar.

Mas nada disso ajudara a aliviar a tensão. Kat não fazia ideia de como seria a reação da mãe. Na verdade, ela não ligava, porém uma pequena parte de si torcia para que Eva ficasse feliz. Kat queria de corpo e alma se casar com Carter, e ninguém a convenceria do contrário. Ainda assim, a mãe continuava sendo um monstrinho traiçoeiro.

Depois de checar a hora no celular pela centésima vez, contemplou a série de fotos em preto e branco que decoravam a parede acima da lareira. As lembranças dela e de Carter estavam dispostas com perfeição nos vidros sem moldura e sempre a acalmavam. Havia fotos deles no Havaí no verão passado, ao fim da condicional, bronzeados e extremamente felizes. O corpo tatuado sem camisa de Carter era lindo de morrer e os óculos de sol o deixavam muito sexy. Ao lado,

apareciam fotografias do piquenique no lugar especial deles no Central Park e também várias *selfies* tiradas enquanto caminhavam até uma praia, fazendo palhaçadas e se beijando, e mais uma no último ano-novo, na casa de Nana Boo.

Kat se demorou melancolicamente na foto dela com o pai, que estava na prateleira ao lado de uma orquídea branca, em uma elegante moldura prateada. Via-se ali com 5 anos, quando o pai era tudo para ela. Por menor que fosse, a dor da perda em seu peito ainda se fazia presente. Como queria que ele estivesse vivo para vê-la feliz...

Seria incrível se sua mãe aceitasse que ela e Carter iriam se casar e viver felizes para sempre. Tinha certeza de que o pai faria isso.

– Kat.

A voz de Carter a fez estacar no meio da sala. Ele já estava sentado no sofá antes, mas Kat o encarou como se ele tivesse se materializado naquele momento.

– Você não para de andar de um lado para outro – disse Carter, baixinho. – Acalme-se.

– Desculpe – murmurou ela distraidamente, mas voltou a roer a unha do polegar e a se agitar.

Carter pousou as mãos na cintura dela e sussurrou em seu ouvido:

– Vai dar tudo certo.

Ele lhe deu um beijo no pescoço. Ela se virou, ainda em seus braços, e segurou o rosto dele. A barba por fazer era linda como a de um modelo e provocava uma sensação deliciosa.

– Você acredita mesmo ou só está falando isso para eu me sentir melhor?

Carter estreitou os olhos, como se refletisse.

– Estou falando isso para *nós dois* nos sentirmos melhor – respondeu com um sorriso irônico.

Ele olhou bem fundo nos olhos dela, trazendo à tona a pouca força que Kat ainda tinha para lidar com a situação. Ela ficou na ponta dos pés e o beijou, necessitada de lhe mostrar quanto estava grata por seu apoio e que iria permanecer ao lado dele, não importava quem se intrometesse no caminho.

O barulho inconfundível de uma porta de carro se fechando fez os dois se afastarem com um pulo e olharem na direção da porta da frente.

– E lá vamos nós – murmurou Kat, saindo dos braços de Carter e puxando a manga do moletom para esconder a aliança.

Carter franziu a testa, mas assentiu. Eles tinham concordado em esperar até que todos estivessem acomodados antes de dar a grande notícia. O plano de Kat de dobrar a mãe com o vinho quente caseiro de Carter parecia perfeito.

Do lado de fora, o vento forte que vinha do mar enchia de areia e sal os cachecóis e cabelos alvoroçados. Kat correu até Nana Boo com um sorriso enorme e o coração acelerado. Elas se abraçaram e a tensão se aliviou instantaneamente.

– Ah, Nana, senti tanto a sua falta... Feliz Natal.

Nana riu e deu um beijo demorado na bochecha dela.

– Senti sua falta também. Feliz Natal, meu anjo. Me deixe olhar bem para você. – Ela recuou, segurando Kat pelos braços. – Estonteante – elogiou Nana com carinho. – Simplesmente estonteante.

Kat riu.

– Você é suspeita.

– Pode apostar que sim!

Nana olhou por cima do ombro de Kat e sorriu.

– E lá está minha segunda pessoa preferida no mundo.

Ela estendeu a mão para Carter e ele a apertou, dando uma risadinha.

– Venha me dar um abraço e fazer a alegria de uma velha, bonitão.

– Sim, senhora – respondeu Carter, e obedeceu de pronto.

Kat apreciava o relacionamento que Carter tinha construído com Nana. Sabia que aquele amor vinha de um lugar reservado para a avó dele. E Nana estava muito feliz por oferecer todo o carinho e atenção que ele secretamente desejava. Para falar a verdade, ela o mimava até não poder mais e Carter adorava cada minuto.

– É bom ver você – balbuciou Carter, com o rosto pressionado contra o casaco dela.

– Eu não perderia isso por nada. Feliz Natal, querido.

Para dar a Carter e Nana um momento a sós, Kat se voltou para o carro. Harrison e Eva surgiram de trás do porta-malas, com inúmeras sacolas nas mãos e um Reggie animado, puxando alegremente a guia e abanando o rabo como se estivesse desesperado para esticar as pernas na praia. Sem dúvida, dentro de uma hora Carter já estaria correndo com ele para cima e para baixo na areia.

– Oi, pessoal – disse Kat, abraçando os dois.

Harrison deu um beijo em sua bochecha.

– Você está ótima.

Eva sorriu.

– Olá, querida.

– Pode deixar que carrego isto para você – disse Carter, aparecendo ao lado de Kat para pegar a sacola grandalhona que sua mãe carregava.

Seu sorriso largo normalmente acelerava o coração de Kat e a fazia pular no colo dele. Carter estava bonito demais com seu jeans preto e o suéter de lã verde grosso. Carter encarou a sogra e falou:

– Que bom vê-los, Eva e Harrison. Feliz Natal. Obrigado por virem à nossa casa.

Ele passou o braço em torno dos ombros de Kat, tanto marcando território quanto deixando claro que não havia espaço para papo furado. Eva deu um sorriso contido e se remexeu, inquieta e claramente surpresa. Harrison piscou para Kat e comprimiu os lábios, como se contivesse um sorriso. A pessoa precisava ter colhões para colocar Eva em seu devido lugar daquele jeito, mas Carter já tinha passado por uma prova de fogo quando se tratava da sogra.

– Obrigada por nos receber – respondeu Eva lentamente. – Podemos entrar?

Ao término do tour pela casa de praia, copos de vinho quente foram servidos e todos se reuniram na sala de estar petiscando salgadinhos e queijos perto da lareira crepitante e da árvore de Natal decorada em prateado, vermelho e branco. Nana, que sempre amara o período natalino e toda a sua extravagância, colocou mais presentes debaixo da árvore e deu a Kat e Carter um enfeite requintado de vidro soprado com os nomes deles e o ano gravados.

– Para o primeiro Natal juntos na casa de vocês. Que seja o primeiro de muitos.

Carter pareceu um tanto emocionado ao agradecer e deu ao ornamento uma posição de destaque na frente da árvore.

A conversa fluiu com facilidade, tanto por causa do vinho quanto pela atmosfera calorosa. Carter contou a história da casa de praia e de seu significado para ele. Acomodada confortavelmente no largo sofá ao lado de Harrison, Eva lhe fazia várias perguntas. Ela parecia surpresa pelo fato de a residência ser tão quente, apesar de ficar tão perto do mar, e estava maravilhada com a decoração delicada e de bom gosto.

– Adoro aquela foto – comentou, apontando para a fotografia de Kat aos 5 anos com o pai. – Foi um dia lindo.

– Foi você que tirou? – perguntou Carter.

– É claro. Na hora eles nem perceberam. Estavam jogando framboesas um no outro. Olho para essa foto e ouço as risadas. Vocês dois estavam muito felizes.

– Eu estou feliz agora – murmurou Kat.

Eva tomou um gole de vinho, olhando de relance para Carter.

– Eu sei.

– Então, Carter, como vão os negócios? – perguntou Harrison.

– Ótimos. Muito bem mesmo.

Carter havia conduzido duas fusões significativas e bem-sucedidas desde que se tornara presidente da empresa. Ele não gostava de se gabar, mas tinha dificuldade em esconder o orgulho, ainda mais quando Kat falava de suas

conquistas.

Ela também lhes contou tudo sobre o Instituto de Jovens Infratores do Brooklyn. Por mais que sentisse saudade da Arthur Kill, seu trabalho com o grupo de garotos a fazia pular da cama, entusiasmada. Eles eram tão desafiadores quanto os detentos da penitenciária, devido aos problemas familiares e ao seu passado, mas também eram muito cativantes.

– Estamos tão orgulhosos de vocês... – disse Harrison com um sorriso. – Não estamos, Eva?

Ela abriu um pequeno sorriso, mas seus olhos revelavam a verdade.

– Sim. Com toda a certeza.

– Então, vamos trocar presentes à meia-noite como costumávamos fazer quando éramos mais novos, Kat, ou vamos nos portar como adultos e esperar até de manhã? – perguntou Nana, sorrindo acima da taça de vinho.

Os olhos de Kat encontraram os de Carter. Ele hesitou antes de apertar de leve a sua coxa. Era o encorajamento de que ela precisava.

– Podemos trocar presentes à meia-noite se você quiser. Mas Carter já me deu o meu.

Ele tirou Reggie do colo e se levantou. Tomando a mão dela, levantou-a da cadeira. Carter a encarou de forma intensa, mas que também revelava sua alegria, e Kat ficou sem fôlego por um instante.

Sempre tão intuitiva, Nana tapou a boca com as mãos unidas. Fitando a mãe, Kat subiu aos poucos a manga do moletom e exibiu o anel deslumbrante.

– Ele me pediu em casamento... e eu aceitei.

Nana e Harrison imediatamente se levantaram, enchendo o casal de abraços, beijos e felicitações. Kat ficou surpresa por sua avó conseguir gritar e saltitar como uma criança animada, mesmo aos 70. Ela tentou mergulhar naquele amor e carinho, mas não conseguia ignorar o fato de que sua mãe não se movera um centímetro, nem dissera uma palavra sequer. Quando Harrison e Nana se acalmaram, os dois se afastaram e olharam para Eva. O ar de expectativa na sala era sufocante.

– Mãe? – indagou Kat, pois Eva continuou muda.

Odiou o tremor em sua voz. Se Eva achava que podia arruinar aquele dia, teria uma bela surpresa. Não havia nenhuma lei contra expulsar a mãe de casa na noite de Natal, certo?

Kat insistiu:

– Estávamos pensando em fazer o casamento aqui na praia, ou, se estiver disponível, no Boathouse do Central Park ou na casa da Nana. O que você acha? Quero dizer, podemos fazer... em qualquer lugar, porque o que importa é que estaremos juntos.

Eva pousou a taça de vinho quente na mesa e suspirou. Carter se retesou e segurou a mão de Kat. Ela retribuiu o aperto como se sua vida dependesse daquilo. Eva se levantou lentamente e desviou os olhos do casal feliz para a foto do falecido marido com a filha. Kat jurou ter visto nela a sombra de um sorriso. Então a mãe se aproximou e pegou sua mão direita, alisando delicadamente o diamante e sua pele.

– É lindo – sussurrou ela. – Muito lindo mesmo.

Eva ergueu os olhos para Carter, que se empertigou ainda mais, parecendo gigante.

– Me diga uma coisa, Wesley Carter. Esta linda aliança significa que você vai passar o resto da vida protegendo e amando minha filha do jeito que ela merece, até seu último suspiro? Você vai apreciar cada momento e acordar todas as manhãs agradecendo a Deus por tê-la com você?

Carter estava bem rígido.

– Eu já faço isso. Só queria que o mundo inteiro também soubesse.

Kat levou a mão dele até os lábios e lhe deu um beijo. Eva segurou o rosto da filha.

– Katherine, você é feliz e amada, e isso é tudo que seu pai e eu sempre sonhamos para você.

– Eu sei.

Eva sorriu.

– Parabéns.

Ela a beijou no rosto e lhe deu um abraço apertado.

■ ■ ■

Carter não sabia bem o que tinha acabado de acontecer. Eva lhes dera a sua bênção? Depois de sua conversa com Ben, ele estava tão certo de que travaria uma batalha que a adrenalina ainda corria por seu corpo, mesmo durante a refeição deliciosa que Kat havia preparado.

Parte dele ainda aguardava um revés, o grande "mas". Não podia ser fácil assim, podia?

Ele queria muito, muito *mesmo* um cigarro, só para aliviar a tensão, para se acalmar. O palito de dentes que costumava mordiscar para amenizar a ânsia pela nicotina estava no bolso da calça, mas não seria muito elegante usá-lo agora. A solução foi mastigar bem devagar a carne, pacientemente, desejando que a ansiedade diminuísse.

Ao olhar para Pêssegos, Carter se perguntou por que estava tão apavorado. Ela nunca parecera tão feliz e sua risada era de pura alegria. Roçou o rosto de Kat com carinho, aproximando-se para beijá-la. Ela deu um gemidinho de prazer e sorriu.

– Você está bem? – murmurou ela enquanto Harrison levava Nana e Eva às gargalhadas com uma de suas piadas.

– Estou ótimo.

Eva comeu tudo, elogiando os dotes culinários de Kat e participando de conversas civilizadas com todo mundo. Ela estava sorrindo bastante, mais do que ele já vira, e até chegou a tocar no braço de Carter ao falar com ele.

É, a situação era mesmo surreal.

Depois do jantar e do *cheesecake* de Oreo de Nana, Carter trouxe o uísque para participar das festividades, para que todo mundo pudesse brindar o Natal. Pouco antes da meia-noite e com canções de Natal ao fundo – por insistência de Kat –, os cinco se acomodaram na sala de estar com duas tigelas enormes de pipoca e trocaram presentes.

Carter ganhou um perfume de Eva e Harrison, além de uma maravilhosa gravata de seda Alexander McQueen e uma carteira de couro de Nana. Kat lhe deu um par de abotoaduras de prata incríveis, com as iniciais dele gravadas: WJC. Um diamante pequenino pontuava a última letra.

– Gostou? Agora nós dois temos diamantes – disse ela com uma risadinha alcoolizada adorável.

Carter a observou, extasiado como sempre.

– Adorei.

Ele a beijou.

– Feliz Natal, gato – murmurou ela contra a boca dele.

Carter desejou que todos fossem embora, assim poderia se esbaldar no corpo de Kat até a manhã de Natal. O comportamento despreocupado dela era mais do que sexy.

Fazia muito tempo que Carter não curtia tanto uma noite natalina. O ano anterior tinha sido bacana, mas ele e Kat não moravam juntos na época e, como eram dois idiotas indecisos, cada um querendo agradar o outro, passaram por diversas festas e jantares na casa de amigos, sem um tempo só para eles. Seu presente para ela no outro ano – uma chave para o apartamento dele em TriBeCa – fora um golpe de mestre. Até o ano-novo, ela havia se mudado. Agora, já na própria casa, fazendo o que desejavam fazer, passando um tempo com a família, Carter se sentia realmente acolhido, aceito.

– Obrigada, Carter – agradeceu Eva, segurando o cachecol colorido feito à mão que ele lhe dera. – É lindo.

Ele sorriu.

– De nada.

– Não é maravilhoso? – exclamou Kat, dando uma olhada travessa na direção de Carter. – Fiquei tão impressionada quando ele trouxe isso para casa... Escolheu sozinho!

Carter revirou os olhos e a cutucou.

– Cale a boca. Não sou tão incapaz assim.

Ela riu e deu um beijo estalado em Carter.

– Ah, eu sei disso.

Aquela mulher ainda acabaria com ele.

Quando o relógio do corredor marcou duas horas da madrugada, Nana e Kat subiram as escadas, exaustas, depois que Carter se ofereceu para limpar tudo. Kat tinha trabalhado como uma condenada o dia todo e merecia um descanso. Harrison e Eva o ajudaram a colocar tudo no lava-louça e a passar um pano enquanto ele dava uma olhada no pernil que assava lentamente no forno. O cheiro estava ótimo e ficaria perfeito pela manhã, pronto para o almoço de Natal.

Com um bocejo enorme, Harrison apertou a mão de Carter, parabenizando-o e agradecendo novamente.

– Estou muito feliz por vocês – comentou ele com uma emoção genuína em seus grandes olhos escuros.

Ele deu um beijo rápido em Eva e desapareceu escada acima, deixando Carter sozinho com a mãe de Kat pela primeira vez desde a notícia do noivado.

A atmosfera na cozinha mudou sutilmente e, de súbito, Carter desejou não

ter tomado o último copo de uísque, que estava fazendo sua cabeça girar e deixara seus pés pesados.

Ele ficou se balançando de leve, sonolento, pensando na cama quente.

– Então – começou ele, pigarreando –, durma bem e até amanhã de ma...

– Wesley – interrompeu Eva.

Seu nome reverberou pelos eletrodomésticos de inox e bancadas de granito da cozinha. Ele respirou fundo e enfiou as mãos nos bolsos.

– Sim?

– Eu estava falando sério. Eu estou... feliz por você e Katherine.

Carter não deixou de notar a hesitação.

– Ótimo.

– Mas – disse ela com firmeza, fazendo o coração de Carter saltar – eu gostaria de ter conversado com você antes do pedido de casamento. É uma delicadeza de praxe.

– Eu sei. E peço desculpas. De verdade. Mas foi uma decisão de última hora. – Ele deu uma risadinha. – Nunca fiz isso antes. Estou aprendendo durante o processo.

– Ainda tenho... reservas com relação a certos aspectos – continuou ela, como se Carter não tivesse dito nada.

Carter trincou os dentes. O fato de ela estar hesitante, escolhendo as palavras com cautela, era perturbador.

– Não tenho dúvidas disso. – Ele tentou relaxar e manter a voz calma. – Mas garanto que meu passado ficou para trás e não tenho intenção de que um dia faça

parte do nosso futuro. Você não precisa se preocupar.

Eva suspirou fundo e deu dois passos na direção dele.

– Espero que sim. Porque, se você partir o coração dela, magoá-la por se envolver em algo perigoso ou ilegal, acabar numa prisão ou maltratá-la de qualquer modo, eu acabo com a sua vida.

Ela deu dois tapinhas no rosto de Carter. Com firmeza.

– Feliz Natal.

3

Kat se remexeu no travesseiro. Ela não sabia se ainda estava dormindo e sonhando ou se os beijos quentes e extraordinariamente sensuais que sentia nas costas eram reais.

Mantendo os olhos fechados, permitiu-se relaxar com o roçar dos lábios macios, as lambidas eróticas e os murmúrios de prazer que ouvia. Inspirou, trêmula, ao sentir mãos grandes e calosas acariciarem sua cintura desnuda, se agitando de leve ao sentir cócegas nas costelas. Um tremor de risada contra a coxa dela confirmou que ela *não* estava, afinal, sonhando. Então, os beijos começaram a se mover languidamente pelas covinhas de sua bunda e pela nádega direta. Uma língua quente deixou um rastro úmido até sua perna...

– AI!

Kat ergueu a cabeça do travesseiro e olhou para trás. Carter estava pelado e bastante satisfeito, com os dentes ainda cravados em sua nádega.

– Mas o que foi isso? – perguntou Kat.

Ela riu da expressão dele. Carter ficava ridiculamente delicioso mordendo-a. Kat deu um sorriso malicioso em resposta ao seu olhar safado. Ele soltou a carne dela com um ruído suave e a lambeu e beijou delicadamente. Não tinha doído, mas valeria a pena deixar que Carter mordesse a sua bunda várias vezes só para

sentir aquelas lambidas.

– Feliz Natal – disse ele com um sussurro grave.

Carter apoiou o queixo na sua bunda e desceu as mãos pelas laterais das pernas dela. Kat passou a mão pelo rosto.

– Feliz Natal para você também – falou ela, deixando a mão pender pesadamente sobre a cama. – Quer me explicar por que diabos você está arrancando pedaços da minha bunda na manhã de Natal?

Ele deu de ombros.

– Porque eu posso – respondeu ele de forma indiferente, olhando de relance para a aliança de noivado no dedo dela. – Estava observando você dormir – continuou ele, corando levemente. – Você se mexeu e sua bunda ficou numa posição espetacular, então pensei em dar bom-dia a ela e desejar um feliz Natal. Para ser educado, sabe? É bonita demais para ignorar.

Carter deslizou a mão pelo traseiro dela, com um olhar de reverência. Kat revirou os olhos, brincalhona.

– Bom, da próxima vez, vá devagar com os dentes na minha bela bunda, Sr. Vampiro.

Carter riu, se ergueu sobre as palmas das mãos e foi engatinhando lentamente. Meu Deus, ele era magnífico pairando acima dela, tão sexy que emanava virilidade. Os músculos de Carter se tensionavam e relaxavam, fazendo com que as tatuagens oscilassem. Kat se deitou de barriga para cima e sorriu para ele quando as pontas dos narizes se tocaram.

– Oi – murmurou ela.

Carter se acomodou com cuidado em cima de Kat.

– Oi – respondeu ele antes de pressionar os lábios nos dela.

O beijo foi paciente, mas tão cheio de desejo que fez Kat suspirar e lhe enlaçar o pescoço.

Dane-se o bafo matinal.

Ele grunhiu e segurou a cabeça dela com as mãos, intensificando o beijo apenas o suficiente para fazer Kat arfar e arquear as costas. Ela sorriu ao ver Carter se esfregando avidamente no seu quadril, ficando mais duro a cada lambida. Então começou a rir.

– O que foi? – perguntou ele com uma expressão confusa, afastando-se.

– Eu só estava pensando... – respondeu ela, dando batidinhas no queixo com o indicador. – Você morde minha bunda porque a acha bonita... Talvez eu deva fazer o mesmo com o seu pau. Porque eu o acho extremamente boni...

Kat guinchou quando ele fez cócegas impiedosas em suas costelas. Puxou-a contra o peito enquanto rolava e se deitava de costas, prendendo-a contra ele.

– Não! – Kat abafou as risadas estridentes no ombro dele. – Temos visitas!

– Não estou nem aí – disse ele com um sorriso largo. – Vamos deixar uma coisa clara, Pêssegos: meu pau pode ser muitas coisas – resmungou ele, segurando-a com firmeza –, mas *bonito* não é uma delas.

Carter a beijou de novo quando ela riu.

– Duro, incrível e enorme... – foi dando tapinhas na bunda de Kat a cada palavra dita – esses são adjetivos que você pode usar, mas, pelo amor de Deus, *bonito*, não. – Ele tentou ao máximo não sorrir daquela risada rouca, mas

fracassou completamente. Segurou o rosto dela e a encarou com um olhar suplicante. – Caramba, dê ao meu pau um pouco de dignidade.

– Ah, eu vou dar uma coisa a ele, sim.

Carter sugou o ar quando ela agarrou seu pau, descendo a mão até as bolas. Ainda que agradá-lo com favores sexuais fosse um golpe baixo para distraí-lo, Kat não ligava. Ver o queixo dele cair valia muito a pena. Carter era maravilhoso. Ele disse o nome dela, ofegante, quando Kat o segurou com mais firmeza.

– Isso é bom? – perguntou ela dando um beijo na orquídea tatuada no ombro dele.

– Pra caralho.

– Você consegue ficar quieto? – provocou ela. – Temos visitas.

– Vire-se e eu mordo a sua bunda linda para me manter calado. – Ele gemeu em meio à risada quando Kat acelerou o ritmo. – Meu Deus, continue assim e eu faço o que você quiser.

Carter puxou o rosto de Kat até o seu para poder beijá-la até ela perder os sentidos. Ele remexeu o quadril, tentou segurar a mão dela e grunhiu quando Kat voltou a pegar suas bolas. Carter desabou no travesseiro, revirando os olhos. Esfregou as mãos nos ombros e braços dela, segurando-a com força.

– Estava com saudade de fazer amor com você.

Kat não tinha dúvida de que Carter tentara acordá-la quando fora para a cama, mas ela estava completamente morta. Beijou o pescoço pulsante dele, mordiscando-lhe o pomo de adão. O gosto quente e doce da colônia fez sua língua formigar e sua pele enrubescer. Kat moveu a mão para cima e para baixo

mais duas vezes. Os gemidos de Carter ficaram cada vez mais altos quando ela passou o polegar pela cabeça úmida, os músculos do maxilar saltando à medida que ele se aproximava do êxtase. Por mais incrível que fosse vê-lo gozar em cima dela toda, Kat queria brincar mais um pouquinho. Ela afrouxou o toque e o soltou devagar, voltando a se sentar nos calcanhares.

Carter abriu os olhos imediatamente e se esparramou no colchão, retornando à Terra.

– Kat? – perguntou com um longo suspiro. Ele deu uma olhada para baixo, para o pau duro como pedra batendo em sua barriga, e franziu a testa. – O quê? Por quê?

Kat deu um sorriso torto triunfante e cruzou os braços.

– Talvez isso o ensine a manter os dentes dentro da boca.

O queixo de Carter caiu. Antes que perdesse a determinação ou que ele tivesse a chance de agarrá-la de novo, Kat se levantou graciosamente da cama e pegou um conjunto de moletom na gaveta.

– Ah, fala sério! – explodiu Carter. – Você não pode estar falando sério! – Ele grunhiu, gesticulando enlouquecidamente para o pau pulsante. – Estou... É... Olha, me desculpe. Pega nele só mais um pouquinho? *Por favor*... É Natal. Vamos lá, não vai levar muito tempo. Você pode até colocá-lo na boca, se quiser. Não há problema nenhum nisso. Vai levar dois minutos, no máximo.

Kat se sacudia de tanto rir, escovando os cabelos na frente do espelho. Não podia, de jeito nenhum, olhá-lo esparramado, reluzente e duro, senão, em uma questão de segundos, montaria nele. Por melhor que fosse a ideia, sentia-se

inibida só porque a mãe estava na casa. O mesmo não podia ser dito em relação a Carter; o homem não tinha vergonha.

– Não vou morder a sua bunda de novo – insistiu ele. – Prometo. Ainda que ela seja espetacular.

Por sua voz, dava para imaginá-lo sorrindo.

Recomposta depois de se vestir, mantendo os olhos fixos no rosto dele, Kat balançou a cabeça.

– Vou descer e preparar o café da manhã para todo mundo.

Ela caminhou casualmente até a porta, sentindo seu olhar consternado e cheio de tesão. Kat apontou para ele com indiferença.

– Sugiro que você tome um banho frio... – Não conseguiu conter o sorriso e olhou para a ereção dele. – Vocês dois.

Ela riu alto e saiu correndo do quarto quando dois travesseiros voaram como balas em sua direção, atingindo a porta e a parede do corredor.

– Você vai pagar por isso, Lane! – gritou ele com um grunhido divertido e uma risadinha.

Kat sorriu e esfregou a mão no peito, que explodia de calor.

– Estou contando com isso – murmurou, saltitando escada abaixo rumo à cozinha e às vozes do resto da família.

Melhor. Natal. De. Todos. Os. Tempos.

■ ■ ■

O som do Led Zeppelin que saía da O'Hare podia ser ouvido por toda a rua. Carter sorriu ao entrar na oficina alvoroçada dois dias após o Natal, acenando para Paul e os outros caras que não estavam debaixo ou dentro dos carros. Ver aquele lugar lotado era mais do que Carter podia esperar. Enquanto Max estava na reabilitação, ele queria garantir que o negócio da família do amigo continuaria tendo um movimento constante, sem as dívidas que Max tinha acumulado com o vício em cocaína e seus acordos idiotas.

– Carter!

Riley Moore, ex-detento da Arthur Kill e velho amigo de Max e Carter, foi até ele, limpando as mãos sujas de graxa em um pano ainda mais sujo. O rosto barbudo e os cabelos louros encaracolados também denunciavam o trabalho com motores.

Carter sorriu.

– Sr. Moore. – Eles apertaram as mãos e bateram os ombros. – Como estão as coisas?

– Bem, cara, bem. Agitadas por causa do fim de ano, tá ligado?

Carter entendia muito bem. A semana depois do Natal era sempre uma loucura. Não que achasse que Riley não fosse dar conta. Longe disso. Anos antes, ele tivera as próprias oficinas e, durante alguns bons verões, Carter tinha trabalhado com ele. Não que trabalhassem muito...

Antes de sua última passagem pela prisão, Riley tinha lojas de motores espalhadas pela cidade, além de duas na Filadélfia e em Washington. Ele podia ser um brutamontes tatuado, desbocado e galinha, mas sabia gerenciar um

negócio. Carter era uma das poucas pessoas que sabiam da formação de Riley em Administração, portanto ficara muito feliz quando o amigo concordara em cuidar da O'Hare durante o afastamento de Max. As finanças estariam em boas e experientes mãos.

– Os novos funcionários estão se saindo bem? – perguntou Carter, dando uma olhada nos dois caras que ele, Paul e Riley tinham contratado. Eram jovens, mas bem-dispostos, com ótimas referências.

– Nada mal. São inexperientes, mas logo melhoramos isso. – Riley deu uma piscadela.

Carter apontou para o escritório, onde uma jovem loira, um fiapo de gente que Kat tinha indicado – porque Riley não conseguia tomar nenhuma decisão objetiva quando se tratava de mulheres –, trabalhava diligentemente no computador.

– E a menina nova? Steph, é isso?

Riley deu um risinho e pegou um cigarro do bolso.

– Ah, sim. Ela é... ótima. Bem dedicada.

Carter notou aquele tom de voz familiar e grunhiu, exasperado.

– Riley, cara, pedi para você *não* comer a menina nova. É sério, não podemos perder funcionários porque você não consegue manter a braguilha fechada. Ok?

Riley sorriu em meio à fumaça do cigarro, os olhos cor de mel brilhando.

– Você já comeu, não é? – Carter suspirou, apesar de impressionado com as habilidades do amigo. – Ela está aqui há... o quê, duas semanas? Como você consegue?

Riley ergueu as sobrancelhas.

– Bom...

Carter ergueu a mão bruscamente.

– Nem comece.

Riley riu e deu uma olhada para a garota nova, que, mesmo a 15 metros de distância, do outro lado da oficina, ficou vermelha como um pimentão.

– Faça-me o favor, Carter – provocou ele. – Será que eu não lhe ensinei nada? Negócios cara a cara, fazer os funcionários se sentirem à vontade.

Carter deu uma risada incrédula.

– Ah, deixa de babaquice!

Riley deu um tapa com a mão enorme no ombro de Carter, fazendo-o tropeçar para a frente.

– Ei, tenho que me divertir de alguma forma, certo? – Ele tragou o cigarro demoradamente, os olhos fixos no chão. – Nem todo mundo tem um relacionamento como você, né?

Carter abriu um sorriso presunçoso, mas percebeu que o rosto de Riley meio que se contorceu. O amigo gostava muito de se exibir e seduzir, porém era bem reservado quando se tratava de amor ou afeto genuíno. Desde que se conheciam, Riley nunca mencionara sentir qualquer coisa que não fosse tesão pelas mulheres com as quais se envolvia. Carter sabia que ele já tivera namoradas antes, mas só Deus podia dizer se haviam sido relacionamentos sérios, duradouros. O cara poderia ter um monte de filhos ao redor do mundo e ninguém faria a mínima ideia.

– Como está a Srta. L? – Com sua expressão-padrão de olhos arregalados, Riley perscrutou a oficina, como se Carter a estivesse escondendo em algum lugar. – Não está com você?

– Não. Consegui escapar. Ela está fazendo compras com Beth, pegando meu smoking e comprando um vestido para o ano-novo, aparentemente. Só dou meu cartão de crédito para ela e saio do caminho.

Os dois tremeram ao pensar no inferno que seria ir comprar vestidos com a namorada. Riley se escorou na porta da oficina e jogou o cigarro na rua.

– Amém, irmão.

Carter deu uma olhada por cima do ombro para ver quem estava perto o suficiente para ouvi-lo.

– Ah, para sua informação, ahn, ela não vai ser a Srta. L por muito tempo. – Ele sorriu e as palavras saíram aos borbotões: – Vai ser a Sra. C.

– Fala sério! Ela disse sim, seu retardado? Você vai se enforcar?

Apesar das veementes objeções de Carter, Riley o aprisionou em um abraço sufocante e tirou seus pés do chão. O amigo comemorou aos gritos, deu um espetáculo, fazendo com que toda a oficina olhasse para eles.

– Me ponha no chão, seu maluco! – exclamou Carter, abrindo um largo sorriso ao voltar ao chão.

– Ah, o amor... – arrulhou Riley, pestanejando de forma afetada. Então, de repente, ficou sério, como se tivesse sido iluminado com o sentido da vida. – Você sabe o que essa merda significa, não sabe? – Ele abriu os braços. – Despedida de solteiro! – Bateu palmas. – Ah, cara, vai ser uma maravilha.

Conheço um lugar incrível, um clube de strippers. Posso contratar umas meninas bem gostosas e flexíveis...

– Riley – interrompeu Carter com o dedo em riste. – Não.

Numa questão de segundos, a expressão entusiasmada de Riley se tornou um bico de mágoa. Apesar de os olhos grandes e inocentes ainda terem um quê de humor, ele parecia um cachorrinho sem dono.

– Você não é mais um cara divertido – reclamou, empurrando o peito de Carter.

Carter riu.

– Cale a boca.

O toque do celular foi a desculpa perfeita para Carter interromper os planos de Riley. Vendo que o número era privado, atendeu com um nó no estômago. Só podia ser uma pessoa.

– Max?

– E aí, cara?

Carter sorriu. Articulando o nome de Max para Riley, saiu da oficina para a rua, mais silenciosa.

– Feliz Natal! Como você está, camarada?

Houve uma breve pausa.

– Ah, sim... Feliz Natal. Estou bem. A mesma merda, só que num dia diferente, sabe?

Carter não sabia, mas estava aliviado, pois Max parecia um pouco mais animado do que havia quase uma semana.

– Devagar e sempre é que se vence a corrida, meu amigo – disse ele gentilmente.

– É, é isso que meu terapeuta vive dizendo – replicou Max em tom amargo.

– Você vai chegar lá, irmão. Sei que vai – murmurou Carter. – Ei, meu pacote chegou?

O presente tinha sido ideia de Kat. Ela pensou que seria uma boa maneira de animá-lo e, ao mesmo tempo, manter ocupado um Carter bem distraído.

Max deu uma risadinha.

– Chegou! Se eu não amava você antes, agora eu amo.

Carter riu.

– E tudo que eu precisava fazer era manipular você com refrigerantes, doces de alcaçuz e M&M's? Até que está ficando fácil agradar você.

– Os doces me ajudaram a fazer novos amigos. Juro que o alcaçuz é tipo um contrabando aqui. – Ele soltou uma risada mais alta e desatou o nó de ansiedade no estômago de Carter. – Muito obrigado, cara.

– Não há de quê. Foi um presente meu e da Kat. Ideia dela, na verdade.

Max pigarreou.

– Ah. Bom, diga a ela que agradeci, ok?

– Claro.

Carter esfregou o rosto. Meu Deus, o papo furado era a pior parte. E ainda mais difícil para dois amigos que, apesar de se conhecerem havia vinte anos, mal se falavam ao telefone mesmo antes de Max ir para a clínica de reabilitação. Aquilo era novo para eles e bem constrangedor. Ao longo das últimas duas

semanas, Carter tinha aprendido que os assuntos tranquilos para se conversar eram a oficina, os amigos deles e a vida como presidente de empresa. Ainda estava assimilando as áreas restritas, mas, até o momento, sabia da terapia e de tudo o que se relacionava a ela, bem como da medicação de Max.

– Então, ouça – disse Carter, chutando a neve da calçada. – Tenho novidades.

– Até que enfim! – falou Max, bem mais animado. – Preciso de novidades aqui, cara. Estou muito entediado. Manda.

Carter respirou fundo e olhou para o céu cinzento de Nova York.

– Eu não queria contar a você por telefone, não é o ideal, mas vai ter que ser assim porque não sei quando vou poder visitá-lo e eu queria que fosse...

– Porra, irmão, para de enrolar! – exclamou Max, preocupado. – Que diabos aconteceu?

Carter riu de nervosismo.

– Nada. Não é nada, é só que... Kat e eu... Eu a pedi em casamento. Ficamos noivos.

O silêncio do outro lado da linha foi sepulcral. Carter se escorou na parede mais próxima e baixou a cabeça. Sabia que precisava dar um tempo a Max para digerir a notícia. O amigo ainda carregava as feridas do relacionamento com Lizzie, mas Carter não fazia ideia de como a novidade do casamento seria recebida.

O silêncio se alongou, pontuado apenas pelo barulho de fundo ocasional.

– Max?

– Isso é... a última coisa que eu esperava que você fosse dizer – disse o amigo.

Carter não soube como interpretar a maneira lenta, cautelosa, com que o amigo falava.

– Está sério assim, é?

Carter assentiu, fitando o chão.

– Está, cara. Está sério assim. Vi o anel em uma vitrine da Tiffany's um dia desses e pensei: por que diabos estou desperdiçando minha vida e não me caso logo com essa mulher?

Max fungou.

– É – disse ele baixinho. – Eu, ahn, me lembro de como é.

Carter fechou os olhos ao ouvir a dor na voz do amigo.

– Olha, Max, eu...

– Não – interrompeu ele, fazendo com que o coração de Carter palpitasse. – Estou... É uma ótima notícia, irmão. Ótima.

Carter piscou, surpreso.

– É?

Max deu uma risada roncada.

– Bom, espero que sim, cara, você vai se casar com ela!

Carter riu, aliviado, apoiando a cabeça nos tijolos aparentes do prédio, e suspirou.

– É ótima, sim. Excelente. Só não sei por que ela quer ficar comigo pelo resto da vida.

– Talvez precisem examinar a cabeça dela, cara.

Os dois riram. De repente, Carter foi tomado por uma vontade imensa de abraçar o melhor amigo.

– Fico tão feliz por você estar... Obrigado por levar numa boa, Max.

– Ei, Carter, eu entendo.

Houve uma pausa, que pareceu pesar sobre os ombros de Carter.

– Só porque minha vida é uma bosta, não posso me ressentir por você querer ser feliz – falou Max. – Se tem alguém que merece isso, é você.

Carter pigarreou algumas vezes antes de falar de novo.

– Obrigado. – Ele enxugou os olhos inesperadamente marejados e sorriu. – Ei, é melhor você se apressar e vir para as celebrações, irmão. Riley já está planejando a despedida de solteiro.

– Vai ter strippers?

– Vai.

– Estarei lá.

4

Carter grunhiu de novo por causa da gravata-borboleta de seda preta pendurada em seu pescoço. Ela não estava colaborando nem um pouco.

– Me explique mais uma vez por que precisamos nos vestir assim! – gritou para Kat, que estava acampada no banheiro da suíte havia uma hora e meia.

A julgar pelo tanto de poções, loções e outras porcarias que Kat tinha levado consigo, Carter imaginou que ela estivesse montando uma bomba nuclear.

– Porque estar bem-vestido no baile beneficente de ano-novo dos Thomas é uma tradição e nós não fomos no ano passado – ouviu Kat responder do outro lado da porta, de forma seca, como se lhe dissesse "estou cansada de ouvir você choramingar, cale a boca".

Argh.

– Bom, é uma tradição idiota – resmungou Carter para si mesmo, tentando mais uma vez dar o nó da gravata, em vão.

Ele não sabia por que tanta frescura. Podia muito bem dar um cheque a uma instituição de caridade usando jeans e camiseta!

– Que saco, Kat, por que você não pegou uma gravata de botão para mim?

– Porque – respondeu ela, enfim abrindo a porta do banheiro – não ficaria tão boa quanto um nó feito manualmente.

– Mas ela não faz o que eu mando! – choramingou Carter, contendo-se para não bater o pé.

Ele parou de olhar para o espelho e se virou para Kat, pronto para reclamar e resmungar mais um pouco, mas então seu coração parou. Os olhos arregalados devoraram o longo preto tomara que caia que Kat estava usando, dançaram pelo colo delicado, passaram pelos ombros desnudos, descendo pelos braços até os pulsos ornados com os braceletes maravilhosos de ônix que ele lhe dera de aniversário. O anel de noivado estava espetacular em sua mão direita.

– Me dê essa porcaria que eu dou o nó para você. É muito fácil. Aprendi a fazer para o meu pai quando tinha uns 6 anos e... Por que você está me olhando desse jeito?

Ela levou a mão aos cabelos presos. O vestido a envolvia de um modo pecaminoso, de tirar o fôlego. Carter esfregou o peito, sentindo um crescente ardor de desejo, que irradiava tesão por suas veias. *Minha*, cantava o sangue dele. *Toda minha.*

– Carter?

Ele colocou um dedo nos lábios cheios de gloss dela.

– Shhh.

Esse foi o único som que ele conseguiu emitir enquanto a observava corar sob seu olhar voraz. Lentamente, sem tirar os olhos de Kat, contornou-a, observando a pele do pescoço e dos ombros se arrepiarem à medida que se movia.

Carter parou na frente dela e inspirou fundo, devagar, soltando depois o ar

aos poucos para se recompor, domando a vontade esmagadora de jogá-la na cama e adorar seu corpo.

– Estou sem palavras.

Kat se remexeu e sorriu de nervoso.

– Bom, isso é novidade.

Carter se aproximou, sentindo seu perfume e o cheiro de pêssegos que vinha dos cabelos dela.

– Foi isso que você comprou com a Beth? – perguntou, e ela assentiu. – Você está... Pêssegos, nenhuma mulher do mundo ficará tão perfeita quanto você está agora. Nunca.

Kat só conseguiu gemer antes de os lábios de Carter pressionarem os dela. O gosto da noiva era tão bom quanto sua aparência, e a pele sob suas mãos era macia e lisa. Abriu a boca, intensificando o beijo, precisando sentir a língua dela. Kat agarrou as costas da camisa dele e grunhiu.

– Não podemos fazer isso agora – disse ela, ofegante, interrompendo o beijo que avivava uma ânsia ardente e desesperada. – O carro vai chegar em dez minutos.

– Posso fazer você gozar em cinco – grunhiu Carter, beijando e mordiscando as pequenas sardas que ele tanto adorava. – Você nem precisa tirar o vestido.

Kat gemeu e se agarrou a ele.

– Ai, meu Deus. Não duvido. Juro que podemos fazer o que você quiser quando voltarmos, mas não podemos nos atrasar.

Duro e louco para erguer o vestido e fazer obscenidades com sua boca,

gemeu contra o ombro dela.

– Tudo bem – resignou-se ele, relutante.

Aquela provocação toda estava ficando ridícula. Ele se endireitou, alongando o pescoço para um lado e para o outro, querendo que seu corpo se aquietasse.

Kat mordeu o lábio.

– Droga, você está gostoso demais com essa camisa e essa calça.

Carter não perdeu tempo:

– Fico ainda melhor sem elas. Quer ver?

Kat balançou a cabeça e riu. Ela deu o nó na gravata-borboleta, contorcendo-se sob as mãos de Carter, que deslizavam pelo corpete justo do seu vestido.

Meu Deus, ela estava incrível. Carter colocou o paletó do smoking e a seguiu para fora do apartamento em TriBeCa. Kat apertou o botão do elevador, encarando-o.

– Nem pense nisso – murmurou ela, reparando no sorriso malicioso dele e no casal de meia-idade que aguardava atrás. – Você não vai ficar me provocando no elevador nem no carro.

– Posso ser um bom menino – disse ele com um olhar de inocência. – Prometo. – Carter se inclinou até seu ouvido, reparando na pulsação do pescoço. – Mas pode ter certeza de que vou me demorar bastante no seu corpo depois. – Ele arfou na bochecha dela, morrendo de vontade de lambê-la. – Toda vez que eu olhar para você esta noite, quero que imagine o que vou fazer quando chegarmos em casa, cada posição, rápido e devagar, com força e com delicadeza. Vou fazer de tudo, Pêssegos. E mesmo quando você me implorar para parar, vou continuar.

Depois da meia-noite, você é minha.

Ele deu uma risadinha ao vê-la cambalear para dentro do elevador.

A pobrezinha não sabia o que a aguardava.

■ ■ ■

A residência de 5 milhões de dólares no Upper East Side estava cheia de vida quando Kat e Carter chegaram. A mãe de Ben, Barbara, gostava de chamar a atenção e seu baile beneficente de ano-novo era sempre um espetáculo e tanto. Kat apertou a mão do noivo com força enquanto entravam no saguão iluminado por velas. Sabia que, apesar das ótimas intenções do evento, Carter ficaria com os nervos à flor da pele ao ver tanta extravagância e farejar o cheiro da alta sociedade. Ele ainda não se sentia à vontade perto de gente rica, mesmo que, provavelmente, fosse o homem mais rico dali. Era bem discreto com relação à sua fortuna, até porque odiava a origem dela e detestava quem se gabava do tamanho da conta bancária.

Não que Carter vivesse de forma modesta. Longe disso. Ele tinha uma moto impressionante e uma coleção de carros, que fora iniciada após sua reintegração à WCS. Enchia Kat de joias e roupas, apesar de ela lhe dizer claramente para não fazer isso; havia quitado as dívidas de Max e pagara por sua reabilitação; insistia em pagar diversos tipos de conta, mesmo quando não precisava, inclusive de várias instituições de caridade com as quais tinha se envolvido. Ele não ligava muito para o dinheiro que lhe permitia levar uma vida que muitos invejavam e

não se importava em distribuí-lo.

Essa bondade e generosidade eram o que Kat mais amava em Carter.

Bom, isso e sua boca suja.

Kat precisou reunir toda a sua força de vontade, além de pensar na cara da mãe caso se atrasassem, para impedir Carter de fazer o que queria no banco de trás do carro. Ele nunca a olhara daquele jeito de quando ela saíra do banheiro. Kat logo se sentira em chamas.

Ela consultou o relógio dourado na parede do lobby: ainda faltavam cinco horas para a meia-noite.

– Você está bem? – perguntou-lhe Kat, pegando uma taça de champanhe de uma bandeja que estava passando.

Carter olhou em volta e deu de ombros, também pegando uma taça.

– Claro. É *open bar*, certo?

Sorrindo, ela ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo suave, querendo mais que tudo agarrar sua bunda. Céus, aquela calça ficava bem demais nele.

– Vou preencher um cheque – disse Kat sem fôlego – e, à meia-noite, vamos embora daqui.

Ele deu uma risadinha cínica e arqueou uma sobrancelha.

– Essa é a minha garota safada.

Kat guiou Carter pelos grupos de pessoas, parando de vez em quando para apresentá-lo a amigos ou parentes seus e de Ben e a conhecidos do pai da época da política. Todos ficaram extasiados com a notícia do noivado e, como era de esperar, Carter foi extremamente agradável, rindo e se interessando de verdade

pelas pessoas que conhecia. Talvez ele até tivesse entregado um ou dois cartões de visita.

O tamanho de Carter e a maneira como ele se portava – dando uma geral no ambiente, como se fosse um predador atento – podiam ser, e eram, intimidantes, mas não havia como negar que seu magnetismo desarmava qualquer um. O tempo que passara em reuniões e conselhos na WCS não tinha domado a fera completamente, apenas lhe dera um disfarce mais afável, paciente, que podia ser removido num piscar de olhos.

Se ele era um lobo em pele de cordeiro, Kat sabia – por mais sexy e gentil que o cordeiro pudesse ser – que sempre iria querer o lobo.

Meia-noite. *Meia-noite.*

Enquanto atravessavam o salão, Carter a olhou e apertou sua mão de leve.

– Olhe só para você, toda corada e com os olhos arregalados. No que é que está pensando? – A voz dele era um murmúrio meloso, faminto. – Porque eu juro, gata, que se for a mesma coisa que estou pensando, torço por tudo que é mais sagrado para que você esteja sem calcinha.

Kat sabia que seus sentimentos estavam estampados no rosto, incluindo a necessidade inequívoca de ter aquele homem ao seu lado. Emudecida, simplesmente apertou a mão dele em resposta.

Meia-noite. *Meia-noite.*

Cumprimentando-os no bar, Adam e sua esposa, Beth – deslumbrante em um vestido de baile prateado –, foram gentis como sempre. No ano anterior, os dois tinham se esforçado muito para construir laços e resolver quaisquer

desentendimentos entre eles quatro. Adam chegara até a oferecer a Carter algumas informações internas sobre fusões e oportunidades de negócios.

Ele trabalhara na WCS por muitos anos e, apesar de ter sido afastado do cargo de diretor financeiro junto com o irmão, Austin, que era o presidente, continuava desejando o melhor para a empresa da família. Em diversas ocasiões, Adam dissera a Carter que estava contente por vê-lo se sair tão bem, guiando a WCS na direção certa. Mesmo assim, o clima entre os dois ainda não era dos mais calorosos.

Beth também estava ávida por fazer as pazes com Kat, para tocar a vida. Ficou radiante ao saber do noivado, vibrando com a aliança e oferecendo ideias de vestidos e lugares para o evento. Kat também adorara sair com ela para comprar um vestido para o ano-novo. Foram horas repletas de recordações e risadas. Para seu alívio, a amizade estava retornando ao que era dezoito meses antes, mesmo que aos poucos. De qualquer forma, as coisas entre elas nunca mais seriam as mesmas; a relação se transformara em algo diferente, mais cauteloso.

– Ouvi dizer que seu irmão abriu uma empresa em Chicago – disse Carter a Adam enquanto esperavam por suas bebidas.

Adam assentiu e tomou um gole do champanhe que Beth lhe entregara.

– É, Ben comentou. Mas não falei com Austin. Ele não se expõe muito hoje em dia, principalmente depois do que aconteceu na WCS. Ele não confia em mim.

Carter bufou.

– É compreensível.

– Posso descobrir algumas coisas para você – sugeriu Adam. – Dar uma sondada.

Kat observou Carter conversar com o primo, reparando como suas reações eram neutras. Mesmo quando o nome de Austin era mencionado, seu olhar azul e seu maxilar marcado não deixavam transparecer nada. Para olhos destreinados, ele parecia indiferente, mas Kat sabia que isso não era verdade. Por dentro, ainda havia um vulcão de vingança em erupção, aguardando o momento oportuno. Para o bem de Austin, Kat torcia para que esse momento nunca chegasse.

Às nove horas, a festa estava no auge e Kat e Carter tinham dado pelo menos duas voltas extenuantes em todo o salão. É claro que todo mundo que Carter conhecia ficava encantado com sua inteligência e seu carisma. Até mesmo Barbara – para irritação de Eva – se derreteu toda, deslumbrada e cheia de risinhos, depois que Carter lhe disse como o apartamento dela era maravilhoso e como a festa estava fantástica. O cheque de seis dígitos da WCS Communications, que ele lhe entregou com um sorriso cortês, também o ajudou a ganhar alguns pontos.

– Quem dera a sua mãe fosse fácil assim – brincou Carter enquanto se sentavam à uma mesa lindamente decorada com Adam e Beth para jantar.

Kat riu.

É, quem dera.

Eva os cumprimentara quando eles chegaram, mas estava socializando desde então. Não que Kat se importasse. A estada da mãe por dois dias em sua casa já

tinha sido estressante o suficiente. Ali, rodeada por amigos e conhecidos, Eva se sentia em seu hábitat, enturmando-se, fofocando e consertando o mundo. Ela transmitia poder e estava adorável em um vestido longo vermelho enquanto desfilava de uma pessoa para outra, sorrindo, gargalhando e estendendo a mão delicadamente para Harrison, que não saía do seu lado um instante sequer. Kat viu o sorriso pequeno que aparecia no rosto dele toda vez que Eva o tocava, ciente de que aquele pequeno gesto era toda a confirmação que Harrison desejava: um precisava do outro.

Apesar de ainda sentir muita falta do pai, Kat seria grata para sempre pelo amor e a compreensão de Harrison, não apenas por Eva, mas por ela também.

– Senhoras e senhores. – A voz de Ben ecoou no salão cavernoso, interrompendo a música ao vivo e as conversas. – Odeio interromper este jantar maravilhoso, mas peço um minuto de sua atenção, por favor. Espero que todos estejam com uma bebida, pois temos alguns brindes a fazer esta noite.

Kat sorriu quando o amigo ajustou a gravata nervosamente. Ben sempre fora péssimo para falar em público. Ela se recostou na cadeira e pousou a mão sobre a perna de Carter debaixo da mesa. Ele sorriu enquanto tomava champanhe e colocou o braço casualmente no encosto da cadeira de Kat.

– Primeiro, em meu nome, de minha esposa e de minha mãe – continuou Ben –, gostaríamos de agradecer por vocês terem vindo esta noite. Já arrecadamos uma quantia impressionante para o Instituto do Câncer, a Fundação do Câncer de Próstata e a organização Pense Rosa de apoio ao câncer de mama. Estamos muito gratos. Àqueles que estão aqui representando tantas

empresas... MetLife, Morgan Stanley e WCS Communications... vocês fizeram grandes doações e nós agradecemos sua generosidade.

Houve uma salva de palmas. Kat abriu um largo sorriso para Carter e, orgulhosa, beijou sua bochecha quente.

– Mas nada disso teria acontecido sem minha mãe – acrescentou Ben –, que trabalha incansavelmente com cada uma dessas instituições desde que perdemos meu pai para o câncer de próstata, há dez anos. Então, gostaria que vocês erguessem as taças em homenagem a Barbara Thomas, minha mãe, por ser a mulher mais forte, generosa e corajosa que já conheci. Eu te amo.

Todos obedeceram e brindaram à mãe de Ben, que, como sempre, apenas acenou do seu lugar na mesa principal, apesar dos aplausos ensurdecedores que duraram um minuto inteiro.

Ben pigarreou.

– O segundo brinde desta noite é algo sem precedentes. Abby, querida, você pode subir aqui?

Abby, esposa de Ben, se levantou, claramente envergonhada, e se aproximou dele. Ele a envolveu com um braço e deu um beijo carinhoso em sua testa.

– Prometi guardar segredo pelos últimos três meses... e isso tem me matado... mas decidimos que esta seria a noite perfeita para contar a todos que, no início do próximo verão, Abby e eu seremos pais. Estamos grávidos!

O salão vibrou com urros, gritos de alegria e aplausos antes mesmo de Ben terminar de falar. Para o espanto de Adam e Carter, Kat e Beth saltaram de suas cadeiras, extasiadas, batendo palmas e saltitando sem parar. Poucas pessoas

sabiam de todas as tentativas de Abby e Ben para engravidar ao longo dos anos, sofrendo dolorosos abortos. Kat explicou o contexto a Carter antes de correr até o casal para enchê-lo de felicitações, fazendo festa na barriguinha de Abby.

Por um lindo e fugaz instante, Kat se viu como ela e apertou o braço de Carter, empolgada. Ele a encarou com um olhar interrogativo, mas Kat não esclareceu nada. Carter sorriu.

– Dança comigo, Pêssegos?

Ela segurou-lhe o rosto e inspirou fundo ao receber um beijo longo, porém casto. Ele estava devastadoramente lindo de smoking. Um pedacinho de tatuagem aparecia acima do colarinho e sob os grandes anéis de prata em ambas as mãos. Ele a guiou até a pista de dança e a enlaçou com firmeza, cantarolando a música de Nat King Cole em seu ouvido enquanto se moviam elegantemente pelo salão. Kat repousou a cabeça no peito de Carter e fechou os olhos, inalando seu aroma intenso e sorrindo quando os lábios dele desceram por sua têmpora e – com a maior discrição – por seu pescoço.

– Vai ser um bom ano – murmurou ele. – Posso sentir. E você?

– Sim – concordou Kat, pensando no casamento, imaginando-se na primeira dança como marido e mulher. Imaginando o resto da vida com ele. – Posso sentir.

Kat nem ligaria se o mundo parasse naquele instante. Ela nunca se sentira tão segura ou protegida quanto nos braços de Carter. Quando a multidão começou a contagem regressiva e o relógio marcou meia-noite, as saudações de ano-novo e a canção "Auld Lang Syne" ecoaram ao redor deles, mas tudo o que Kat e Carter

viam era um ao outro. Sob uma chuva de confetes prateados e serpentinas, seus lábios se encontraram, suaves e macios. O amor fervoroso foi sussurrado com carinho; eram votos de adoração e prazer ardente que os deixavam ansiosos para chegar em casa.

Era meia-noite.

5

Para Carter, a noite tinha se resumido a quase seis horas de uma deliciosa tortura. Seduzido pela beleza e pela fragrância adocicada de Kat, estava impressionado por ter conseguido manter conversas decentes com qualquer pessoa, mesmo ao lado daquela garota safada e deslumbrante.

Ela o tocava de um modo que parecia inocente, mas que o deixava excitado, pronto a levá-la para uma parte silenciosa daquele enorme apartamento e comê-la até perder os sentidos. Uma mão na perna dele aqui, um roçar de ombros ali...

Ah, ela não jogava limpo...

Carter sabia que ela também queria: a dilatação das pupilas e o peito arfante eram sinais claros. A boba achava que podia disfarçar, mas, para ele, sempre fora um livro aberto.

Carter tinha prometido se comportar no elevador e no carro, onde tentara enfiar a mão debaixo da sua saia, até a coxa. Mas agora os dois se achavam em casa.

Quando ele a pressionou contra a porta, deixando o resto do mundo do lado de fora, Kat soltou um gemido alto, que o incitou a jogar o comportamento bem-educado e cortês pela janela. O paletó e a gravata foram as primeiras coisas a cair no chão, junto com a bolsa e as chaves de Pêssegos.

– Espere – disse ela, ofegante, agarrando os ombros dele, arranhando de leve a pele por debaixo da camisa.

– Nem pensar – grunhiu ele, esfregando o rosto no decote dela.

Kat tinha um cheiro tão bom, de hidratante e de Coco Mademoiselle, o perfume preferido dele.

– Por favor – choramingou ela em meio aos cabelos de Carter. – Quero você na nossa cama.

– Você pode me ter na nossa cama – replicou ele, beijando-a apaixonadamente. – Depois que eu tiver *você* nesta porta.

Kat arfou quando seus lábios se encontraram de novo, frenéticos e molhados. A língua de Carter deslizou agressivamente contra a dela, fazendo-a gemer e arquear o corpo. Ele passou um dos braços pelos ombros de Kat e o outro por sua cintura, pressionando-a contra si enquanto devorava sua boca. As mãos dela não paravam de se mover, dos cabelos dele para o pescoço, os ombros, as costas, a bunda. Kat ansiava por consumi-lo.

Carter afastou a boca e, ignorando os protestos dela, ficou de joelhos e ergueu o vestido até a cintura de Kat com uma das mãos. Com a outra, baixou a calcinha preta de seda e, sem esperar que ela se recompusesse, começou a lambê-la freneticamente. O gosto dela era como o néctar dos deuses. O almíscar intenso e familiar fez sua língua formigar; Carter não hesitaria em admitir que prová-la era a parte que mais adorava. Era verdade que todos os elementos da vida sexual deles eram fantásticos, mas Carter a chuparia feliz e contente pelo resto da vida.

Kat grunhiu e arfou, se segurou nele e murmurou palavrões misturados com

juras de amor e súplicas. Foi ficando inchada e úmida e seu quadril se movia ritmadamente. Carter sabia que, em poucos minutos, Kat estaria gritando seu nome. Ela deixou a cabeça pender para trás e, assim que Carter enfiou dois dedos nela, Kat explodiu.

Era para isso que ele vivia.

Puxando o corpo dela mais para perto, Carter a manteve pressionada contra a parede e sorriu ao ver os joelhos de Kat cederem e ouvir sua respiração ofegante ecoar pela casa. Apesar dos grunhidos desesperados por rendição, ele só a largou quando ela implorou e se contorceu para longe da língua ávida.

Carter se levantou devagar, deslizando as mãos pelas pernas dela, e a beijou vigorosamente, compartilhando o que tinha tomado dela, o que Kat lhe dera com tanta disposição. O beijo se prolongou, intenso e molhado.

– Eu poderia beijar você... *Puta merda*... Eu poderia beijar você para sempre – confessou Carter, segurando o rosto dela com as mãos. – "Dá-me um beijo e depois mais vinte" – murmurou ele contra a bochecha dela, descendo até seu pescoço e, depois, voltando para a boca. – "Em seguida, soma mais cem a esses vinte; e mil a esses cem: assim continua a me beijar, até esses mil a um milhão chegar. Triplica esse milhão, e estando terminado, voltemos a nos beijar, como havíamos começado."

Kat ofegou ao ouvir um de seus poemas preferidos de Robert Herrick, que ela lhe ensinara em uma noite de tempestade na casa de praia durante o verão.

– Preciso de você. Por favor, Carter.

Ela abriu a braguilha da calça dele e enfiou a mão. Carter grunhiu quando os

pequenos dedos envolveram a pele quente do seu pau. Ele arfou e deixou a testa pender sobre o ombro dela.

– Está gostando? – perguntou Kat, lambendo o pescoço dele, provocando-o.

– Muito – respondeu ele, inspirando fundo.

Kat o soltou por um instante e lambeu a própria mão do pulso às pontas dos dedos.

Que Deus o protegesse.

Carter grunhiu intensamente quando o calor e a umidade da mão dela deslizaram por toda a sua ereção.

– Você está tão duro... – gemeu Kat.

A boca de Carter esmagou a dela.

– Sempre para você – respondeu ele, pegando nos seios dela por cima do corpete do vestido.

– Quero você na minha boca – murmurou ela. – Me leve para a cama.

Carter não hesitou. Arrancando a mão de Kat da calça, pegou-a no colo e correu para o quarto, sorrindo enquanto a beijava, sentindo a risada dela ressoar perto do seu coração acelerado. Tirou a roupa em tempo recorde, jogando-a pelo quarto antes de assistir ao vestido que o fizera salivar a noite toda cair no chão. Agora sua garota estava só de calcinha. Livrou-se da última peça com a mesma rapidez e se deitou em cima dela, rosnando em sua pele, acariciando seu corpo como se ela fosse de vidro. Carter conhecia as entradas e as curvas dela melhor do que o próprio corpo, mas cada toque era uma revelação.

Os dois se agarraram, se esfregaram e, por fim, rolaram, para que ela ficasse

montada nele. Carter se sentou, sugando o mamilo direito dela, que logo ficou rígido. O gemido de Kat foi incrível.

– Você é bom nisso – ofegou ela, mordendo o lábio inferior.

– Gosta da minha língua, lindona? – perguntou ele, e lambeu o mamilo mais uma vez.

Ela lhe lançou um olhar ardente. Meu Deus, Carter agora estava tão duro que, com um pequeno movimento do quadril de Kat, ele se enterraria até o talo.

Kat tirou o mamilo de sua boca fervorosa e sorriu, sentindo a pressa dele.

– Vou ter um gostinho de você primeiro.

– Você precisa *mesmo*? – perguntou de forma casual, bufando. – Não. Por favor. Pare.

Ele abafou a risada dela com a boca e chupou sua língua com força, deitando-se lentamente. Kat enlaçou com firmeza o pescoço dele enquanto Carter envolvia sua cintura, segurando-a o mais perto possível com as bocas grudadas. Ele emitiu um ruído apreciativo ao sentir a pele macia sob suas mãos calejadas. Kat parecia muito delicada, mas Carter não se deixava enganar: ela era mais forte do que qualquer um imaginava.

Postando-se entre seus joelhos dobrados, Kat segurou o pau com uma das mãos e, com cada centímetro da língua, lambeu a cabeça.

– Puta que pariu – grunhiu Carter por entre os dentes cerrados, pressionando o travesseiro com a cabeça.

Kat sorriu e, pouco a pouco, o tomou na boca. Carter a segurou pelos cabelos e ergueu o quadril para preencher sua boca porque, meu Deus do céu, aquilo era

perfeito. Ele pediu mil desculpas quando Kat engasgou.

– Desculpe. Desculpe, mas é bom demais – comentou ele, acariciando os cabelos dela, observando sua boca atentamente. – Seus lábios, Kat... *Puta merda*. Seus lábios...

– Estes lábios?

Ela correu a boca aberta ao longo da ereção dele.

Carter não conseguiu responder. Nossa, ela sabia o que fazer.

Sem se intimidar pelo tamanho dele, Kat o inseriu por inteiro na boca. Ah, aquela boca. Vê-la se dispor desse jeito, tão prontamente, era mais que erótico. Ao longo de seu tempo juntos, Carter percebera, em êxtase, que o lado sexual de Kat se revelara em toda a sua glória. Ela era tão aberta, confiava tanto nele que o amor de Carter era avassalador. Kat não tinha vergonha de tentar coisas novas com ele, de satisfazê-lo, de se satisfazer, e isso era muito sexy. Ela assumira de corpo e alma a sedutora ousada e boca-suja que estavam adormecidas antes.

E Carter amava isso.

Kat segurou as bolas de Carter com delicadeza, esfregando e acariciando bem do jeito que ele gostava. Carter grunhiu o nome dela, projetando o quadril para cima.

– Isso – sibilou ele. – Olhe para você – acrescentou enquanto sua respiração ficava mais acelerada, mais rasa. – Olhe só para você, maravilhosa chupando o meu pau.

Kat abriu os lindos olhos verdes e o encarou, movimentando a língua para cima e para baixo, cada vez mais rápido. O olhar dela fez o corpo de Carter arder,

sentindo o orgasmo se aproximar, enquanto ela o chupava impossivelmente fundo.

Carter segurou o rosto de Kat, tensionando o corpo, o êxtase cada vez mais perto por causa daquela boca talentosa, ainda com o gosto do clímax dela fresco em sua língua.

– Ah, Pêssegos, estou quase lá. Faça aquela coisa em que você... Ah, puta merda. Isso! Bem... *assim*.

Os dedos dele se emaranharam nos cabelos dela enquanto Carter erguia o quadril quatro vezes, grunhindo a cada vez. Segurou a cabeça de Kat, arqueou as costas e explodiu em sua boca com um gemido intenso. Seu orgasmo saiu em três jatos longos, que atingiram o fundo da garganta de Kat. Ela o engoliu rapidamente, ávida por mais. Estrelas dançaram sob as pálpebras de Carter, e o calor se irradiou por todo o seu corpo enquanto Kat gemia e ronronava. Ele sussurrou para que ela parasse, segurando-lhe o rosto, então tremeu todo, dos pés à cabeça, assim como na primeira vez em que eles tinham gozado juntos. O sexo com Kat o deixava louco.

– Você é incrível – suspirou ele com os olhos semicerrados, recuperando o fôlego. – Simplesmente... incrível.

Com um beijo rápido na ponta do pau, Kat se afastou e sorriu. Ela limpou os cantos da boca com as pontas dos dedos.

– O seu gosto é muito bom.

Carter revirou os olhos e a puxou para seus braços.

– Linda – rosnou ele, dando-lhe um beijo firme –, ainda vai acabar comigo.

Ela riu e se aconchegou em Carter, nua e quente. Ele a abraçou forte e beijou seus cabelos, irremediavelmente feliz no silêncio que os envolvia.

– Eu te amo – sussurrou.

Ela ergueu o rosto.

– Eu também te amo.

A ponta do indicador dela dançou sobre o ombro dele.

– Você estava tão linda esta noite... – comentou Carter, sorrindo ao ver seu rosto ganhar um tom de rosa tímido maravilhoso.

Ele roçou a bochecha corada com o polegar e a deitou cuidadosamente de barriga para cima, repousando entre suas coxas, prendendo a cabeça dela entre seus antebraços.

– Você é tudo para mim.

Kat assentiu.

– Eu sei. É por isso que vou me casar com você.

Carter sorriu.

– Feliz ano-novo, linda.

Ela o envolveu com os braços e as pernas.

– Feliz ano-novo.

6

Kat passou com muito cuidado pelos clientes que conversavam à espera de uma das cobiçadas mesas do restaurante The NoMad que a mãe frequentava, na Broadway. Olhando para além do chamativo maître, ela avistou Eva sentada em um de seus lugares preferidos, tomando água delicadamente de uma taça de cristal. A mãe sorriu ao vê-la e acenou para que ela fosse até lá.

Depois de lhe dar um beijo no rosto, Kat se sentou de frente para ela e pediu um vinho branco ao garçom sorridente. Tinha a inquietante sensação de que iria precisar de álcool. Já haviam se passado três semanas do ano-novo e Kat não tivera muitas notícias da mãe. As coisas andavam quietas. Talvez até demais. Só as ligações e mensagens de costume, nada na escala do pânico e da confusão que Kat esperava para depois do anúncio do noivado.

O fato de a mãe aparentemente ter aceitado a novidade sem expressar sua opinião era desconcertante, para dizer o mínimo. Apesar de Kat não ter falado de suas preocupações para Carter, seus nervos estavam à flor da pele desde a noite de Natal. A verdade era que Eva Lane *nunca* ficava quieta quando se tratava de questões tão importantes – e o casamento de Kat com um ex-detento se enquadrava nessa categoria. Ela suspeitava que o raro silêncio fosse a perigosa bonança antes da inevitável tempestade.

– Então, o que aconteceu? – perguntou Kat depois de tomar um grande gole de vinho.

Eva estivera fitando a mão sobre a mesa e então ergueu os olhos, perplexa.

– Nada. Não vejo você desde o ano-novo; só queria almoçar com a minha filha. Isso é crime?

Kat franziu a testa.

– Acho que não.

– Tenho pensado na sua festa de noivado.

É claro que sim.

– Carter e eu ainda não discutimos os detalhes – comentou Kat. – Só sei que será algo pequeno. Além disso, Carter quer esperar Max voltar para casa antes de começarmos a planejar tudo. Afinal de contas, ele vai ser o padrinho.

Eva limpou os lábios com o guardanapo.

– Max? O... rapaz que... Aquele na...

– Na clínica de reabilitação, sim – interrompeu Kat, sem desviar os olhos do cardápio que o garçom lhe entregara. – E não o julgue tanto assim: metade das mulheres do seu círculo social foi parar na reabilitação uma ou duas vezes nos últimos anos.

Eva sabia que isso era verdade. Um silêncio pairou sobre elas. Kat suspirou e largou o cardápio.

– Vamos lá, mãe. O que foi? É só a festa de noivado? Não vou conseguir aproveitar a comida se você não me disser.

Eva arqueou a sobrancelha.

– Vamos lá – continuou Kat ansiosamente. – Desembuche.

Eva umedeceu os lábios e se ajeitou na cadeira. Ela estava desconfortável; isso não era nem um pouco comum. Kat logo ficou alerta.

– Mãe, o que quer que seja, me conte. Você está bem?

Eva estava sentada imóvel, com as costas eretas e sem piscar. Kat engoliu em seco. O que quer que fosse, não eram boas notícias.

– Pouco depois do Natal, tive uma reunião com o advogado da família – disse Eva, afinal.

Os ombros tensos de Kat cederam. Ela pestanejou.

– Advogado da família?

Eva assentiu e tomou um gole d'água. Kat esfregou a ponte do nariz, completamente desnorteada.

– Certo. E por que você foi conversar com ele?

A mãe desviou o olhar e sua boca formou uma linha tensa.

– Eu queria dar início ao seu acordo pré-nupcial.

Todo o ar foi expulso dos pulmões de Kat. Por alguns minutos, sua voz sumiu, substituída por ruídos estranhos de surpresa. Ela balançou a cabeça devagar; só podia ter ouvido errado.

Acordo pré-nupcial? Ela estava falando sério?

Notando a expressão grave da mãe, Kat soube da resposta óbvia e pigarreou.

– E por que diabos você faria isso?

Eva pousou a taça na mesa.

– Porque *você* não vai se preocupar.

O sangue de Kat trovejou furiosamente nos ouvidos, fazendo o rosto arder e as mãos tremerem. Ela cruzou os braços, numa postura defensiva, sabendo da resposta antes mesmo de fazer a pergunta.

– E eu preciso de um acordo pré-nupcial porque...?

A risadinha que Eva tossiu não demonstrava humor.

– Porque você precisa se proteger, Katherine. Proteger seus interesses. Você precisa proteger o que é seu.

E ali estava. Aquela palavra de novo.

Apesar de, aparentemente, aprovar Carter, a mãe ainda nutria aquela necessidade de defender Kat, de mantê-la a salvo, que resistia, silenciosa e profunda. Ela era mãe, claro, e a necessidade de protegê-la nunca acabaria, mas aquilo ia além. Era pessoal. Kat se recostou na cadeira, entristecida, magoada. Meu Deus, será que a mãe não tinha jeito? Apesar de tudo o que fora dito, de tudo que aprendera sobre Carter, de tudo o que acontecera, a mãe ainda não confiava nele, ainda o via como uma ameaça.

– Não consigo acreditar nisso – disse Kat baixinho.

– Não seja boba, Katherine. Você precisa garantir que essas coisas estejam resolvidas antes de se casar com ele.

Kat trincou os dentes.

– *Ele* é o homem que salvou a minha vida, o homem que não fez nada além de se esforçar ao máximo para agradar você e todo mundo que duvidava dele.

– Katherine...

– O homem que é presidente de uma empresa que vale 1 bilhão de dólares e

tem muito mais a perder do que eu. O homem que eu amo com todo o meu coração, com quem quero ficar pelo resto da vida, que não está nem aí para dinheiro, status, nada a não ser o meu amor.

A fúria de Kat foi momentaneamente apaziguada quando Eva baixou a cabeça. Ela não parecia nem um pouco arrependida, mas ao menos estava ouvindo.

– O fato de Carter ter uma empresa é mais um motivo para fazer um acordo – argumentou Eva. – Ele também deve se proteger.

– E começar nosso casamento nos preocupando com o fracasso?

– Não é nada disso, Katherine. Um acordo pré-nupcial serve para proteger você...

– Mentira.

Eva se calou na mesma hora.

– Isso tudo é por causa de *você* e dos seus problemas de confiança – rosnou Kat, inclinando-se para a frente. – Ele é meu noivo. – Ela ergueu a mão direita, o diamante cintilando sob as luzes do restaurante. – Vou me *casar* com ele. Vou ser a Sra. Carter! Todo mundo entende isso. Todo mundo.

Eva ficou olhando para a toalha de mesa de linho puro. Ela respirou fundo, mas continuou quieta.

A voz de Kat suavizou.

– Você precisa aceitar a situação – continuou Kat, com a voz mais calma. – Não vou assinar um acordo pré-nupcial. Isso é real. É para sempre. Não importa o que aconteça. – Ela soltou o ar e se recostou na cadeira, repentinamente

cansada. – Nunca estive tão feliz. Gostaria que você percebesse isso e... parasse de lutar contra.

Um pequeno sorriso despontou nos lábios de Eva.

– Não estou lutando contra nada, Katherine. Já entendi que você e Carter são uma força a ser respeitada. E vejo como você está feliz. *Radiante.* Eu só estava pensando no seu futuro.

Kat esticou o braço por cima da mesa, segurando delicadamente o pulso da mãe.

– *Carter* é o meu futuro.

Eva meneou quase imperceptivelmente a cabeça.

– Você entende que eu precisava tentar.

A raiva que fervilhava sob a pele de Kat começou a se abrandar.

– Sim, entendo. Mas você precisa entender que, sem Carter, todo o resto não valeria nada para mim de qualquer forma.

7

O sol de fim de janeiro estava perdendo a batalha contra as nuvens escuras que pairavam pesadamente sobre a costa. No momento em que Kat saía do carro diante da casa de praia, o vento forte fustigou seu rosto. Depois de bater a porta e pegar as sacolas de compras no porta-malas, ela correu pelo deque até a casa, com o humor ainda afetado por resquícios da conversa com a mãe.

Ela e Carter passavam o máximo de fins de semana que podiam na casa de praia, longe da cidade, do trabalho e de outras pessoas. Era seu jeito de se reconectarem, de retornarem um para o outro quando elementos externos começavam a se intrometer. Normalmente, eles planejavam a ida durante a semana. Dessa vez, contudo, tinha sido de última hora.

Para falar a verdade, Kat não ficara surpresa ao receber uma mensagem de Carter pedindo que ela o encontrasse lá. Ele saíra cedo para visitar Max pela primeira vez na clínica de reabilitação na Pensilvânia. Em vez de fazer o trajeto de três horas e meia na moto, Carter decidira ir em seu Maserati GranTurismo MC Stradale customizado novinho em folha. Aparentemente, o carro precisava "esticar as pernas".

Ao ver o automóvel do lado de fora da casa de praia, todo preto, lustroso e sedutor, dava para entender por que Carter o escolhera. Dirigi-lo devia ser uma

experiência extraordinária, e Carter precisava disso para ocupar a mente ansiosa.

Kat sabia que a ida à Pensilvânia seria difícil para os dois homens. Eles não se viam desde que Max fora internado na clínica e Carter passara a semana toda distante e agitado. Sua amizade era forte e, por mais que não admitissem, eles se consideravam irmãos.

Carter sentia falta de Max; andava preocupado com o amigo desde que o deixara na clínica tantas semanas antes. Ele nunca dissera com todas as letras, mas, em parte, Carter se culpava pelo mergulho de Max nas drogas e na depressão, ainda que Kat tentasse dissuadi-lo dessa ideia. Para Carter, abandoná-lo naquela hora de necessidade seria outra mancha negra na amizade dos dois. Kat se sentia impotente frente a essa autodepreciação.

A casa estava silenciosa, exceto pela crepitação da lenha queimando na lareira da sala de estar, que parecia extremamente vazia desde que a árvore e os enfeites de Natal tinha sido removidos. Kat colocou na geladeira os alimentos e bebidas que trouxera, roubando dois biscoitos Oreo do armário de guloseimas.

Virou-se para atravessar a casa, imaginando que Carter estivesse no andar de cima, mas reparou na tranca aberta da porta dos fundos. Estreitando os olhos, Kat espiou pela janela que dava para a praia. Carter estava sozinho na areia, abraçando o próprio corpo, perdido em pensamentos enquanto olhava para o mar cinzento.

Pegando o casaco, o cachecol e mais dois biscoitos, Kat abriu a porta e desceu pelo caminho de tábuas até a areia. À sua aproximação, Carter virou um pouco a cabeça, sentindo sua presença mesmo sem que ela fizesse barulho. Kat

sorriu. Respirando fundo o ar fresco, parou ao lado do noivo, observando as ondas com ele, sem falar por alguns minutos. Ávida por tirá-lo daquele humor sombrio, bateu no ombro de Carter com o seu e ergueu a mão, exibindo os dois Oreos. Ele abriu apenas um pequeno sorriso, mas os pegou, comendo-os do jeito que Kat sempre amara: lambendo o recheio de um jeito que devia ser imoral. Depois, enfiou o resto do biscoito no bolso.

– Então – começou Kat, já que ele ainda não tinha falado nada. – Eu estava pensando... Vou tomar um bom banho de banheira, quente e relaxante, antes do jantar.

Carter meneou a cabeça, ainda observando a água.

– Prepare a banheira para nós dois.

Ele a encarou. Seu olhar brilhou brevemente com luxúria, mas a melancolia era forte demais para ser dominada.

Kat tomou-lhe a mão e o levou de volta à casa.

■ ■ ■

A água estava quente e cheia de bolhas, enquanto o vinho que Kat servira para os dois era frio e calmante. Após observá-la tirar a roupa, Carter se despiu, dando-lhe um beijo suave antes de entrar na banheira e gesticular para que ela o acompanhasse. Kat obedeceu, sentando-se entre as pernas dele, com as costas pressionadas em seu peito e a cabeça repousando em seu ombro, esperando pacientemente que ele falasse. Enlaçada pela cintura, Kat passava as mãos para

cima e para baixo pelas canelas e coxas rijas de Carter. Ele beijou-lhe o pescoço e continuou em silêncio.

– Então... O almoço com minha mãe foi interessante – contou Kat. – Ela teve uma conversinha bacana e amigável com o advogado da nossa família. Sobre um acordo pré-nupcial.

Carter não reagiu.

– Um acordo pré-nupcial para *nós*. Sério, foi como levar um soco no estômago.

Carter bufou uma risadinha.

– Ela está perdendo o juízo.

– Deixe que ela faça isso, se é o que quer – murmurou Carter no ouvido de Kat.

Ela se retesou.

– Como é que é?

Carter segurou seus seios e se remexeu atrás dela.

– Se é disso que ela precisa para sentir que você está segura, deixe. Sem você, todo o resto não importa mesmo. É você que eu quero. Tudo o mais é irrelevante.

Virando a cabeça, Kat deu um beijo no maxilar de Carter.

– Foi exatamente o que eu disse a ela.

– Então diga a ela que tudo bem.

Inclinando-se para trás, Kat segurou a nuca dele e o beijou intensamente. À medida que o beijo foi abrandando, Carter apoiou a testa na dela; sua angústia

era palpável.

– Converse comigo, querido – pediu Kat com delicadeza. – Está tudo bem. Me conte... Como foi lá hoje?

Carter fechou os olhos e soltou o ar.

– É só que... Ver Max lá... Ele pareceu bem, mas... não está. Isso faz sentido?

Kat assentiu e ele continuou:

– Ele tem se esforçado e eu sei que estar lá, longe de tudo e de todos os conhecidos, sem ter controle da situação... isso o enlouquece. – Encarando-a, Carter passou a mão molhada pelo rosto e pelos cabelos. – Ele sabe que lá é o lugar certo para ele agora, mas continua... tão perdido... Para falar a verdade, foi estranho vê-lo sóbrio. Eu tinha me acostumado com aquela expressão maníaca de olhos arregalados.

Carter se recostou na banheira, permitindo que Kat se virasse. A água respingou para fora quando ela se acomodou de joelhos entre as pernas do noivo.

– Ele ficou feliz em ver você?

Carter sorriu tristemente.

– Acho que sim. Foi estranho. Não sabíamos bem o que dizer um ao outro. E não somos assim, sabe? Sempre falamos merda juntos, conversamos sobre qualquer coisa. Mas foi... diferente.

Kat pôs a mão no rosto de Carter.

– Vai ser assim por um bom tempo, mas vai passar. Você só precisa ficar ao lado dele. Max vai voltar a ser como era.

– Eu sei. – Carter suspirou. – Eu disse que ele pode ficar aqui conosco

quando for liberado. Não tem problema, né?

Kat sorriu.

– Pelo tempo que ele precisar. – Ela o beijou. – Quando vai ser isso?

Carter deu de ombros.

– Dentro de um ou dois meses. O terapeuta dele é que vai tomar a decisão final e, pelo que entendi, o tratamento não está indo bem.

Se Max era só um pouquinho parecido com Carter, com certeza se fechava completamente para um estranho que lhe fizesse perguntas pessoais que trouxessem à tona lembranças ruins.

– Ele vai conseguir, meu amor.

– Ele começou a fazer arteterapia, dá para acreditar? – Carter riu. – Aquele mané não pega em um pincel há anos.

– Ele é artista? – perguntou Kat, curiosa.

– Dos bons, apesar de nunca se gabar disso. Ele pintava quando éramos novos. Os grafites dele são bem conhecidos, principalmente pela Polícia de Nova York. – Carter deu uma risada descontraída, repleta de boas lembranças. – Ele fazia a pintura de todos os carros e motos na oficina do pai. Era muito bom.

– Fico feliz que ele tenha encontrado de novo algo que ama – murmurou Kat, passando o polegar pela água acumulada no peito de Carter.

Ele a observou com um olhar sombrio.

– Enquanto não deixar Lizzie de lado, Max não vai melhorar. Mas como ele pode superar o fim do relacionamento? Ela era a mulher certa. Sua outra metade. – Carter expirou, agoniado, trêmulo. – Venha cá.

Ela montou nele, enlaçando-lhe o pescoço.

– Se eu perdesse você, como Max perdeu Lizzie... – murmurou Carter, seguindo as curvas do rosto dela com os olhos azuis. – Como eu poderia respirar sem você? Agora, entendendo o que Max perdeu, fico surpreso por ele ainda estar vivo.

Kat silenciou aquelas palavras assustadas e magoadas beijando-o com todo o amor que tinha dentro de si. Entregou-se totalmente naquele beijo, buscando sua língua, saboreando-a. Ele grunhiu e a abraçou com força, apertando a pele molhada. Ergueu-a, pressionando o corpo rijo contra o dela, fazendo-a ofegar. Kat se acomodou nele, esperando que Carter a guiasse, esperando sentir as mãos familiares, fortes e urgentes em seu quadril. Mas ele não se mexeu.

– Só preciso sentir você – explicou Carter, abraçando-a, sentindo o cheiro dela. – Só preciso *nos* sentir.

– Estamos bem – garantiu ela. – Eu estou aqui.

O coração de Kat doía diante da impotência de Carter e das batalhas excruciantes de Max. No início, ela não gostava de Max, da maneira como ele levava sua vida antes da reabilitação, mas agora nem conseguia imaginar como devia ser difícil acordar todos os dias e encarar o mundo sem seu amor, sem o filho que Lizzie carregava antes daquela trágica perda. Só de pensar em perder Carter, sentia a dor transpassar-lhe o peito.

Depois de se beijarem pelo que pareceram horas, Carter se ajoelhou dentro da banheira, colocando Kat na beirada, e fez amor com ela bem devagar, carinhosamente, movendo-se sem o propósito de gozar, mas apenas para se

unirem. O orgasmo de Kat foi gradual e quente e pulsou por seu corpo durante minutos.

■ ■ ■

Enrolados em cobertores de lã perto do fogo, Kat e Carter comiam queijo grelhado, davam uvas na boca um do outro, tomavam vinho e curtiam o som da chuva trovejante no telhado.

– Você estava mesmo pensando em fazer o casamento aqui no verão? – perguntou Carter, fitando o fogo flamejante.

– Claro. Não quero esperar muito tempo e acho que um casamento aqui seria lindo. Eu descalça na areia. Você muito sexy de... bom, qualquer coisa. – Ela sorriu quando ele deu uma risadinha. – Foi onde eu disse que te amo pela primeira vez.

Carter assentiu e se inclinou para trás, repousando a cabeça no colo de Kat.

– A questão é... Você sabe que eu me casaria em qualquer lugar, a qualquer momento – falou ele, brincando com as pontas dos cabelos dela. – Quero dizer, eu me casaria com você amanhã, bem aqui, com o acordo pré-nupcial da sua mãe e tudo.

Kat riu.

– Mas eu... – ele hesitou.

Kat segurou o rosto dele com as mãos, sabendo que a incerteza na verdade era medo de decepcioná-la. O coração dela acelerou.

– Mas você não quer fazer nenhum plano até que Max volte para casa.

Carter suspirou, aliviado.

– É – respondeu, com a voz fraca e uma expressão de desculpas.

Kat balançou a cabeça.

– Não tem problema. Eu já tinha notado isso. Sei que você o quer aqui. Por que não iria querer?

– Tem certeza?

Kat fez uma pausa, mordendo o lábio.

– Ainda vamos continuar noivos?

Carter franziu a testa.

– Claro que sim.

– Ainda vou poder beijar você sempre que eu quiser?

Entrando na brincadeira, ele deu um sorriso malicioso.

– Onde você quiser – garantiu ele.

– E ainda vamos acordar juntos todas as manhãs?

– Até deixo você ficar atrás quando dormirmos de conchinha.

– Então tenho certeza.

Carter riu e a puxou para si, salpicando beijos em seu rosto.

– Eu te amo demais – disse ardentemente, deitando-a de costas e ficando em cima dela. – Minha Pêssegos.

– Vai ficar tudo bem, querido – sussurrou Kat. – Prometo. *Ele* vai ficar bem.

– Espero que sim, linda. Espero mesmo que sim.

AGRADECIMENTOS

Obrigada mais uma vez a todos que tornaram possível este livro. Minha equipe é verdadeiramente incrível, repleta de pessoas que têm paciência infinita e que me encorajam sempre a dar o meu melhor. Lorella, Micki, Louise, vocês são épicas. Eu as admiro e valorizo demais, apesar de não lhes dizer isso o suficiente. Obrigada.

À minha família, que precisa suportar tanta coisa. Eu nunca conseguirei expressar quanto a sua tolerância e confiança significam para mim. Amo vocês.

A todos que continuam tendo tanta fé nas minhas palavras: desde os meus melhores amigos, que resolvem todas as minhas aflições com vinho e pizza, e os meus colegas de trabalho, que sempre torceram por mim, até os meus seguidores do Twitter e do Facebook, que demonstram que seu entusiasmo e empolgação com esta série não têm fim. Espero que este pequeno retrato da vida de Kat e Carter tenha sido tão bom de ler quanto foi de escrever.

Vocês são excepcionais e tornam muito mais fáceis os trechos acidentados desta jornada. Do fundo do meu coração, obrigada.

Mal posso esperar para ter vocês comigo no restante desta incrível aventura.

Sobre a autora

SOPHIE JACKSON é uma professora do noroeste da Inglaterra que adora ler, assistir a filmes e é assumidamente fã de quadrinhos. Ela gosta de praticar exercícios, mas só porque adora comer e beber vinho. *Desejo proibido*, o início da história de Carter e Kat, foi seu primeiro romance – o volume 1 de uma trilogia que já foi vendida para diversos países, entre eles Alemanha, Espanha, Estados Unidos, França, Itália e Turquia.

www.sophiejacksonauthor.com

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores

da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br

e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,

você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar

de promoções e sorteios.


www.editoraarqueiro.com.br


facebook.com/editora.arqueiro


twitter.com/editoraarqueiro


instagram.com/editoraarqueiro


skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,

basta se cadastrar diretamente no nosso site

ou enviar uma mensagem para

atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

Créditos

Dedicatória

Capítulo | 1

Capítulo | 2

Capítulo | 3

Capítulo | 4

Capítulo | 5

Capítulo | 6

Capítulo | 7

Agradecimentos

Sobre a autora

Informações sobre a Arqueiro